

A GÊMEA DE CRISTO

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Obra literária inédita • Thriller histórico-religioso

JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

Material destinado a editoras, agentes literários e produtoras audiovisuais

1. Ficha da obra **Título:** A GÊMEA DE CRISTO

Autor: Juvêncio Marins

Gênero: Thriller histórico-religioso / suspense / aventura / ficção conspiratória

Extensão: 369 páginas

Estágio de desenvolvimento: Obra inédita. Manuscrito concluído.

Público-alvo: Leitores adultos interessados em thrillers históricos e religiosos, mistérios do cristianismo, conspirações, suspense, aventura e narrativas que cruzam diferentes períodos históricos.

Formato de exploração: Publicação literária e potencial adaptação audiovisual.

2. Pitch A revelação de que Maria Madalena seria a irmã gêmea de Jesus atravessa dois milênios de silêncio, perseguição e disputa pelo controle da verdade. Manuscritos ligados a essa origem chegam ao século XX e caem nas mãos de Josef Mengele, que se associa a uma organização chamada CONSENSO, envolvida na fuga de nazistas e em um projeto de extermínio biológico. No ano 2000, depois de um acontecimento extraordinário nas Ilhas Canárias, dois padres e duas jornalistas passam a seguir os rastros desses documentos enquanto são perseguidos por interesses religiosos, nazistas, policiais e serviços secretos. A GÊMEA DE CRISTO combina thriller histórico-religioso, conspiração, aventura e suspense em uma narrativa que conecta a crucificação de Cristo, os manuscritos antigos, Fátima, o pós-guerra e o Vaticano.

3. Sinopse Aos pés da cruz de Jesus, Maria de Nazaré revela a existência da irmã gêmea de Cristo. Séculos depois, a Virgem Maria surge para as crianças em Fátima, Portugal, revelando-lhes o terceiro segredo: a existência da irmã de Jesus, cujos manuscritos são descobertos em Nag Hammadi, revelando que o Cristo teve uma irmã gêmea, tão humana e divina quanto ele;

Josef Menguele, fugitivo da Europa pós-nazismo, apodera-se desses documentos, e forma um grupo chamado de CONSENSO, cujo objetivo é facilitar a fuga de Adolf Hitler e outros nazistas da Europa, após o fim da guerra, e arrecadar fundos para produzir um vírus letal para dizimar o povo judeu.

A partir daí, o nazista e seus seguidores praticam todo tipo de crime para manter em segredo os documentos da Gêmea, mesmo que para isso matem o papa João Paulo I, levem à renúncia de João Paulo II e à ascensão de outro papa.

Após um milagre fantástico nas Ilhas Canárias, compete a dois padres e duas jornalistas, a árdua missão de recuperar os originais e divulgá-los ao mundo, ainda que vejam suas vidas sob risco constante por parte de integrantes do Consenso, da Interpol e do serviço secreto de Israel, numa aventura que, além de empolgante, surreal e perigosa, demonstra que a fé não é somente espiritual, é mágica.

4. Diferenciais e posicionamento **Premissa de alto impacto.** A narrativa parte de uma revelação capaz de alterar a interpretação de episódios centrais do cristianismo: a existência de uma irmã gêmea de Jesus.

Amplitude histórica. A trama conecta Jerusalém do século I, manuscritos antigos, o pós-guerra europeu, o nazismo, Fátima, o Vaticano e acontecimentos situados no ano 2000.

Conspiração religiosa e política. Documentos secretos, membros da Igreja, fugitivos nazistas, serviços de inteligência e jornalistas convergem em torno de uma mesma disputa.

Mistura de gêneros. A obra reúne thriller histórico-religioso, suspense, aventura, investigação, conspiração e elementos de natureza fantástica.

Motor narrativo claro. A recuperação e a divulgação dos manuscritos da Gêmea estruturam uma perseguição contínua, com personagens em risco e interesses internacionais em conflito.

Potencial de comunicação. O próprio título sintetiza a pergunta central da obra e oferece um conceito imediatamente reconhecível e provocador.

5. Potencial editorial e comercial A GÊMEA DE CRISTO se posiciona no campo dos thrillers históricos e religiosos de grande premissa, com um conceito central de comunicação imediata e uma trama que combina mistério cristão, documentos secretos, nazismo, Vaticano, investigação e perseguição internacional. A alternância entre períodos históricos e a presença de personagens e acontecimentos reconhecíveis ampliam os pontos de entrada para leitores de suspense, conspiração e aventura. A extensão de 369 páginas permite desenvolver a investigação e os núcleos históricos sem perder o eixo comercial da busca pelos manuscritos e da disputa em torno de sua divulgação.

6. Potencial de adaptação audiovisual **Conceito visual forte.** Jerusalém do século I, Ilhas Canárias, Vaticano, Fátima, Egito, Europa do pós-guerra e operações clandestinas oferecem ambientes visualmente distintos.

Estrutura de thriller. Revelações, perseguições, mortes, documentos ocultos, investigações jornalísticas e conflitos entre organizações sustentam progressão dramática contínua.

Múltiplas linhas temporais. A alternância entre passado e presente favorece montagem paralela e construção episódica.

Escala internacional. A narrativa atravessa países, instituições religiosas e serviços de inteligência, permitindo tratamento de longa-metragem ou série.

Núcleo humano definido. Dois padres e duas jornalistas conduzem a missão contemporânea de recuperar os originais e divulgá-los ao mundo, oferecendo um eixo dramático para a adaptação.

7. Público-alvo Leitores e espectadores adultos de thrillers históricos e religiosos, suspense, aventura e ficção conspiratória, especialmente interessados em narrativas sobre cristianismo primitivo, manuscritos secretos, Vaticano, nazismo, serviços de inteligência, investigação jornalística e grandes revelações históricas.

8. Sobre o autor Juvêncio Marins é escritor, jornalista, professor, historiador. Foi cronista no Jornal da Bahia e na Tribuna Feirense. Finalista por três vezes do Prêmio SESC de Literatura, venceu os Prêmios Letras de

Salvador e Mentes Verdes. É autor de obras de ficção e desenvolve também projetos com possibilidade de adaptação para outras linguagens, inclusive editoriais e audiovisuais.

9. Obras publicadas • Crônicas e Contos que a Bahia Conta

- A Ordem de Bridge
- Blindfolded — Vol. I: Reação (também editado em formato HQ)
- A Regra — Vol. I: O Homem que Nunca Existiu
- Ponto Final
- A Irmandade da Cobra que Fuma
- A Casa de TR
- A Letra Morta
- A Casa Número 11 — Vol. I: O Assassino do Cano Duplo
- A Casa Número 11 — Vol. II: O Homem sem Rosto

10. Informações e contatos do autor JUVÊNCIO MARINS

Escritor • Jornalista • Professor • Historiador

E-mail: maisde3neuronios@protonmail.com

Telefone / WhatsApp: (55 71) 99626-4779

Site: www.maisde3neuronios.com

AMOSTRA DA OBRA

Capa, prólogo (seção “INÍCIO” do original) e capítulos 1 a 8



PARTE 1

O Cristianismo nunca mais será o mesmo após essas revelações

Profº Gilles Quispel

O Senhor amava Madalena mais do que aos demais discípulos e a beijava, e lhe segredava coisas que a nenhum outro revelou.

Pedro se irritava, pedindo que ela fosse expulsa, e dizia: Será possível que o Mestre tenha conversado assim com uma mulher mestiça?

E Levi o retrucava, dizendo: unamos o masculino e o feminino dentro de nós e partamos pelo mundo pregando o evangelho segundo Maria Madalena, a gêmea do Cristo vivo

INÍCIO

Ilhas Canárias, 18 de março de 2000 D.C.

O frei brasileiro José Santo Claro não entendia como tinha cortado o próprio dedo na embalagem metálica da ampola do antibiótico, que estava para aplicar no seu colega de Ordem, o português Norberto Negromonte. Duas gotas do seu sangue tinham caído sobre uma das feridas de Norberto, que gritava e erguia as mãos, deixando descobertos uns braços tão minguados quanto peludos.

Como se fosse um ovo fritando, a ferida eferveceu, e dela brotaram pequenas bolhas róseas, que se dividiram rapidamente, espalhando-se, formando outras até recobrirem todo o ferimento.

As chagas visíveis do corpo do frei lusitano, no espaço de alguns minutos, estavam completamente cobertas por crostas duras e grossas, cascos marrons, de onde não mais se via nenhum vestígio de pus ou de inflamação.

CAPÍTULO UM

Buenos Aires, 18 de março de 2000 D.C.

A jornalista Donna Archer mirava a tela do seu computador repetindo mentalmente o que escrevera:

“Caro frei José Santo Claro, saudações.

Parto ainda hoje ao seu encontro. Imagino que já deva ter conversado com frei Norberto, e que esteja a par da verdade sobre a doença do português, mesmo assim, sinto-me no dever de lhe passar esse e-mail porque acabei de checar minhas fontes e descobri que a situação é ainda mais grave do que temia.

Para ter uma breve idéia de como andam as coisas, saiba que já são quinze os óbitos das pessoas que fizeram parte da experiência médica em Manaus, que hoje sabemos ter sido chefiada por Menguele.

Os mortos são pessoas de vários continentes com três únicas coisas a lhes amarrar o destino: participaram da mesma experiência que o senhor e o frei Norberto tomaram parte em 1973, tinham sangue tipo AB e estão a morrer de algo semelhante à AIDS, que ainda não o afetou, não é verdade?

Existe, de fato, um grupo que está por trás disso. Acredito que as mortes de João Paulo I, de Josef Menguele e do cardeal Grispin não foram casuais. Cada um a seu modo tinha alguma relação com o Consenso (é assim que foi rotulado o grupo).

As informações que Norberto possui lhe foram fornecidas pelo cardeal Grispin, que, por correspondências, lhe revelou os nomes de mais duas pessoas que receberam de Albino Luciani, o papa João Paulo I, envelopes com informações secretas: ele mesmo, o jornalista Rafael Orlandino (meu redator e quem me deu o fio da meada) e Francesco Mariani, que mora nos subúrbios de Roma e que, também, é conhecido do frei Norberto.

Confesso que uma ponta de medo mora dentro de mim, porque sinto estar diante da maior matéria de minha vida.

Bem, espero rever frei Norberto ainda com vida. Enquanto isso, se puder, responda essa minha mensagem o quanto antes. Não sei se o nosso amigo lhe contou, mas sou extremamente ansiosa...melhor dizendo: curiosa. Um abraço.

Donna Archer”

Depois apertou a tecla enter e enviou o e-mail. Desligou o micro e depois pegou a bolsa, e, vendo que estava em cima da hora, saiu em disparada rumo ao aeroporto internacional.

CAPÍTULO DOIS

O frei José Santo Claro cheirou o dedo e apertou a ferida com uma gaze. Pegou a ficha médica de Norberto sobre um criado-mudo, refletindo sobre o que havia conversado com ele assim que chegou a Santa Cruz de Tenerife, nas Ilhas Canárias. O português tinha pressa, parecia desconfiado como se tivesse às suas costas uma legião de espiões. Fazia tempo que não se viam e José ficou surpreso quando soube por meio da jornalista argentina Donna Archer que Negromonte tinha adquirido uma estranha doença, que lhe estava consumindo a vida numa rapidez impressionante. Falou-se em câncer, depois em AIDS, mas os médicos não sabiam diagnosticar o seu caso. José, então, lembrou-se de uma experiência científica da qual ele e Negromonte participaram em 1973, juntos com outras pessoas, assim como eles, portadoras do sangue AB.

“O que se passou diante de meus olhos hoje, não deve ter qualquer relação com aqueles tempos” – pensou, rejeitando uma idéia que tinha surgido de repente.

Ele se levantou, caminhando pelo quarto. Encostou-se numa janela, olhando para o outro lado da rua, que ainda exibia os restos do carnaval. Percebeu um Alfa Romeo cinza estacionado. Ao lado do carro, notou um par de homens mirando-o com olhos fixos. Olhou para os lados displicentemente. Uma brisa ligeira e fresca soprou sobre Tenerife, agitando os bosquetes de loureiros e perfumando todo o bairro. Ergueu a vista. O céu era plúmbeo e as nuvens moviam-se rapidamente para leste. Ficou quieto observando o amigo. Mirou o Cristo pendurado sobre a cama e refletiu sobre as últimas palavras da conversa mantida com Norberto, pouco antes de ter a crise e necessitar dos antibióticos.

“Fizeram o pacto em 1948, após a descoberta no Egito dos escritos... os nazistas fugitivos do Reich...e o apostolado” – disse-lhe Negromonte.

- *Senhor Jesus* – sussurrou.

Mal sabia o frei que as respostas para as suas dúvidas viriam do passado, de uma época longínqua, que remontava ao período em que Jesus Cristo fora crucificado na Páscoa do ano 30, em Jerusalém.

PARTE 2

E junto à cruz de Jesus estavam a sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria de Clopas, e Maria Madalena.

Ora, Jesus vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí a tua cria.

Depois disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe

CAPÍTULO TRÊS

Jerusalém, 7 de abril do ano 30 D.C.

Jesus Cristo compreendeu que suas pernas falhavam, e procurou forçar a articulação dos cotovelos, buscando apoio nos cravos dos pulsos, por mais incrível que fosse tal ato, para, enfim, erguer um pouco os seus ombros.

Postadas junto da cruz, estavam três mulheres. Duas delas abraçadas, chorosas e ajoelhadas: Maria, mãe do Nazareno, e Maria Madalena. Jesus, ao vê-las, meneou a cabeça e puxou todo o ar que pode.

- *Mulher...* – disse o Galileu olhando para Maria de Nazaré, enquanto mexia o queixo para mirar a mulher que a abraçava –, *you sabe que esta é a sua cria...* – Ele inflou ao máximo os já combalidos pulmões e, deslizando o olhar para Madalena, disse: – *minha discípula mais amada...essa a quem abraça é a sua mãe...*

Madalena chorou, sem perceber que era observada por João Zebedeu, que estava encostado na cruz de um dos ladrões. Então, o vento girou anunciando um *haboob*, que vinha do Leste arremetendo areia arrancada dos desertos. As pessoas que contemplavam os crucificados, ao perceberem as sujas nuvens da tempestade, movimentaram-se para as muralhas da cidade, buscando refúgio. Em poucos minutos só restou um ínfimo grupo de sacerdotes e curiosos, além dos soldados romanos e dos poucos simpatizantes de Jesus.

Um instante depois o siroco cresceu, bramindo areia para todos os lados. Dali pra frente, poucos minutos de vida restariam para o Filho do Homem.

CAPÍTULO QUATRO

Jerusalém, 9 de abril do ano 30 D.C.

Aquele que desse um giro pela cidade poderia vislumbrar as patrulhas romanas sempre atentas, desconfiadas e prontas a sufocar qualquer forma de insubordinação ao poder do império. Por aquela época, entretanto, o signo da paz parecia ter se estabelecido no lugar depois do agito dos últimos dias. Assim, onde antes havia o silêncio provocado pelo rescaldo dos acontecimentos provocados pela presença de Jesus Cristo e seus seguidores, agora fervilhava uma maré de comerciantes, pastores, peregrinos e rebanhos de ovelhas, cabras e carneiros, entre aleijados, mendigos e malandros, bem pouco preocupados com o destino do Messias.

No meio de toda essa gente, caminhando apressado por entre as dezenas de barracas do setor comercial, e olhando para os lados mecanicamente, surgiu um homem de aspecto comum, que escorregava pelo meio dos fenícios, saindo por uma ruela paralela até alcançar uma viela que levava para o bairro alto da cidade.

Homens ornamentados com abundantes barbas e bigodes raspados, metidos em seus roupões de listras verticais amarelas e azuis, cruzaram o seu caminho e o olharam desconfiados, comentando entre si que talvez fosse um dos muitos seguidores do crucificado.

Sem lhes dar atenção, o homem apertou o passo, preocupando-se em despistar seus passos, correndo sobre poças de urina e sobras de ofertas. Em certo local ele cessou a caminhada, e deu uma volta ao redor de algumas casas, desviando-se do bairro alto, deixando para trás os seus desgastados paralelepípedos, seus ruídos e odores da lã curtida.

A misteriosa figura passou por algumas casas que tinham suas portas abertas, avistando algumas mulheres que lidavam com a limpeza das suas casinhas, ultimando os preparativos para as refeições. Ele precisava alcançar imediatamente o local onde sabia estarem reunidos os seguidores do pregador. Cruzou uma coluna, saindo em uma praça anormalmente limpa, bem diferente das ruas apertadas da cidade, com sua infernal desordem, que sempre foram um tormento para todos, por causa de seus labirintos cercados de degraus fedorentos. Ele conhecia o caminho, e não tardou a encontrar o esconderijo.

Bateu na porta escura por três vezes, repetindo o gesto até ser interpelado por alguém com a frase que segredava uma senha. A porta se abriu e ele sem sequer retirar o pequeno capuz que lhe escondia parte da cabeça, segurou o seu interlocutor, e lhe perguntou com vigor:

- É verdade a notícia que circula na cidade? – disse sacudindo o outro pelos ombros.

A resposta não foi dada por aquele que o recebera, mas por uma mulher com cerca de quarenta anos, que tinha os olhos verdes como a esmeralda, e os cabelos cheios numa cor negra encanecida que encantava.

- Você chegou antes do esperado, Tomé. Que chegue em paz. Sei que o seu coração está cheio de dúvidas, mas posso lhe assegurar que o meu filho ressucitou esta madrugada, e apareceu para Maria Madalena no horto da casa de José de Arimatéia.

Tomé olhou para a mulher com olhos tão estranhos que ninguém poderia definir se estava surpreso, feliz ou incrédulo.

- Como assim ressucitou? – perguntou. – Não pode ter sido. E se assim tiver ocorrido, por que surgiria para essa mulher mestiça de Magdala?

- O nome dela é Maria Madalena, Tomé. E ela viu Jesus vivo – disse Maria com autoridade, sem, no entanto, se abalar. Seus olhos, embora justificadamente cansados, transmitiam raios de paz e de esperança. – Duvida da minha palavra? Por que não foi até o monte acompanhar a crucificação, então?

- Não venha com acusações, Maria. As mulheres vivem sonhando – rebateu Tomé.

Pedro, que os observava, se levantou, colocando uma das mãos sobre o ombro de Tomé.

- Acalme-se, amigo. Não lhe tiro a razão. A nós Jesus deveria surgir pela primeira vez. Como isso ainda não aconteceu, também estou convencido que a Maria Madalena teve uma visão.

- Assim espero – disse Tomé, com a voz mais amena, voltando-se para Maria – Não é de você que duvido, Maria. Como poderia o Mestre aparecer para ela antes de surgir para nós?

- Você não entende? Não crê no que estou lhe dizendo? – redarguiu Maria, afastando-se.

- Eu estava no horto e não vi ninguém – declarou Pedro com a voz rouca que lhe era característica, – Corri para a propriedade de Arimatéia e vi os panos vazios no interior do sepulcro. Depois disso, retornei, pois temia os romanos e os homens do Sinédrio. Maria Madalena ficou e depois voltou com essa conversa de que viu Jesus vivo.

Outra voz feminina ecoou. Era Madalena. Uma mulher mestiça. Sua pele era morena e tinha um rosto estreito, olhos cor de mel, com órbitas sombreadas por olheiras e pupilas vibrantes, que espetavam a quem os fitasse. As veias do pescoço eram infladas e longas. Seu corpo era magro e as mãos ossudas, contudo, delicadas. E sua expressão transmitia sobriedade.

- Seja bem vindo, irmão Tomé – saudou com maciez na fala – Sente-se, vou lhe contar o que ocorreu.

Ela caminhou até a porta como se tivesse deslizado no assoalho. Carregava uma larga bandeja de madeira e, sobre ela, duas pilhas de vasilhas fundas igualmente de alva madeira de pinho. Ao olhar para a outra Maria, esboçou um sorriso de cumplicidade. Naquele instante nem Pedro ou Tomé, ou mesmo qualquer um daqueles que estavam no recinto, poderiam compreender a razão de sua desbordante alegria.

Todos ficaram em silêncio, trocando olhares desconfiados, como se aguardassem um comando para impedir que Madalena pronunciasse outra vez tudo o que já falara antes, embora ela estivesse para fazer isso pela enésima vez desde que retornara do sepulcro. Havia um ceticismo declarado na maioria deles, embora poucos tivessem a coragem de revelar tal sentimento.

Madalena colocou a bandeja em uma mesa lateral, ao lado da qual estava deitado, com parte das vestes abertas, um homem chamado Ismael, um seguidor do grupo de Jesus que fora ferido no ombro pela lança de um dos homens do Sinédrio, após a fuga do Monte das Oliveiras. Ela distribuiu as vasilhas sobre o móvel, observada por André e Tiago. Então, uma lasca de madeira furou a ponta do seu dedo indicador, fazendo pingar gotas de sangue sobre o ferimento de Ismael, que urrou de dor no mesmo instante, chamando a atenção de todos.

Apertando o furo com um pedaço de pano, ela encaminhou-se para um dos cantos do salão, sendo seguida em silêncio pelos olhares dos demais. A mãe de Jesus a acompanhou, recostando-se próxima do fogo de uma lareira quase apagada.

A luz matinal penetrava muito reduzida pelas compridas janelas da sala, e os candelabros presos nas paredes, com suas já vacilantes e amareladas chamas, não eram suficientes. A um sinal de um dos donos da casa, os criados reacenderam as lâmpadas com azeite de tâmaras, e serviram uma jarra de leite para todos, colocando-a, no final, sobre o móvel.

Foi, então, quando Madalena se preparava para dar início às explicações que prometera a Tomé, que a voz potente e rouca de Pedro ecoou:

- Visões. Foi o que você teve, Madalena. Visões bem típicas de mulheres tolas e mentirosas. Por que não cessa com as suas alucinações, mulher? Jesus não apareceu para você. Não vê que o jejum e o choro, deixaram-na confusa, mestiça?

Houve um murmúrio no meio dos presentes. Pedro e Tomé estavam impacientes. Bartolomeu ofereceu ao pescador uma caneca com leite, mas ele a recusou deseducadamente, dando-lhe um safanão.

- Quem pensa que é para poder ter o privilégio de ser a preferida do mestre, Madalena? – perguntou Pedro, abrindo os braços.

- Ela é a irmã de Jesus, Pedro – revelou Maria de Nazaré, mirando as próprias mãos.

CAPÍTULO CINCO

Pedro fechou os olhos e depois os abriu, piscando nervosamente, emitindo abafados gritos e maldições. Maria não mexeu um único músculo do rosto. Estava rígida como uma estátua. Em certas ocasiões, um simples gesto encerra mais força do que todo um discurso. Ela, então, deu dois passos para trás, oferecendo uma das mãos à Madalena, que a segurou firmemente.

- Ela é mais do que imaginam – disse matematicamente. – Madalena é minha filha, nasceu junto com Jesus. Os dois são gêmeos.

A mente pueril daqueles homens não poderia decifrar a bombástica revelação. O silêncio que surgiu no local era mais do que aceitável, mas perduraria por pouco tempo, porque deitado junto da mesa lateral, Ismael soltou o maior grito de sua vida, sendo amparado por Tiago e André.

- A ferida...a ferida cicatrizou com o sangue que vi pingar do dedo de Madalena. – disse André, balbuciando.

Pedro saltou até onde estava Ismael, pegando-o por um dos braços, levantando-o até a altura dos seus ombros. Depois de examiná-lo e trocar olhares com Tiago e André, ele balançou Ismael com toda força que tinha.

- Quando foi que você foi ferido, homem?

Ismael encolheu o corpo, esticando os olhos na direção de André e Tiago, parecia um coelho acuado por uma raposa.

- *Responda!* – bradou Pedro, encolerado, sacudindo-o com energia. – Explique essa coisa dos demônios.

- *Fui ferido por um armeiro dos sacerdotes.* – disse Ismael – Você estava lá e viu como tudo aconteceu.

- E essa cicatriz? Você fez algum curativo? Usou algum ungüento? – perguntou Pedro, vasculhando o corpo de Ismael.

André prudentemente segurou os braços de Pedro, antes de falar.

- Simão, você não está entendendo – retrucou com objetividade.

- Quer me fazer crer que ele foi curado com o sangue da Madalena?

- Não é isso, meu irmão. – disse André. – Não ouviu o que Maria disse?

Pedro empacou e virou o rosto para Maria de Nazaré. Soltou os seus braços das mãos firmes de André. Emparelhou os pés e sacudiu a casaca, revirando o pescoço como se este

fosse um pêndulo. Ismael, aproveitando o momento de liberdade, rastejou até os pés das duas Marias, beijando-os com respeito.

- Levante-se, senhor – falou Maria fazendo um gesto amistoso.

Pedro se aproximou e tocou o corpo de Ismael por três vezes no exato local onde antes havia um ferimento. Sacudiu a cabeça. Quando Judas traiu Jesus, ele tinha visto Ismael partir em sua defesa. Pedro viu quando Ismael teve o corpo atingido pela lança do inimigo. Agora Ismael estava ali sem nenhum sinal do ferimento.

- Não sente mais dor, Ismael? – questionou, recebendo a confirmação do outro de que estava bem – O que acha disso, André? – observou Pedro bem mais calmo, voltando-se para o discípulo.

- Não sei...não imagino o que tenha ocorrido...talvez...

Pedro o fitou com atenção.

- Talvez Maria tenha a explicação para isso, Pedro.

Sem esperar ser convidada, a mãe de Jesus abriu os braços e foi até o centro da sala,

- O que falei é a verdade. Eu, meu falecido marido, Zacarias e minha prima, Jesus e José de Arimatéia éramos os únicos a saber da verdade sobre o que ocorreu naquela noite em Belém. Eu sabia que daria a luz ao Filho da Promessa. Qual não foi a minha surpresa ao ver duas crianças saírem das minhas entranhas.

Ela fez uma pausa, seus olhos marejaram.

- Quando os coloquei nos meus braços, percebi que eram gêmeos. Jesus era mais claro e parecia ser maior, e ela possuía um lindo sinal em forma de rosa nas costas. José ficou confuso. Um menino branco e uma menina morena. José não sabia bem o que dizer. Eis que uma estrela brilhou e formou a figura de um anjo que nos disse para mantermos a aliança com o Senhor. Deveríamos dar o nome de Jesus ao menino e de Maria para a nossa pequena, que não deveria ser criada conosco.

Pedro cruzou os braços.

- Fomos ao Templo e encontramos Zacarias e o amigo José de Arimatéia, a quem entregamos Madalena até que ela estivesse pronta para seguir e reencontrar o seu irmão. Ele a criou e educou, deixando-a aos cuidados de uma prima em Magdala. Ela cresceu e se casou. Estive no seu casamento. Foi quando Jesus fez o seu primeiro milagre, com o vinho. Depois Madalena enviuvou, recebendo uma grande fortuna. Bem, queria contar-lhe tudo, mas Jesus não permitia. Avisava-me que deveria ser no momento certo.

Madalena acariciou a sua face com carinho. Pedro explodiu num rompante:

- Blasfêmia!

André tentou segurar o pescador, que avançou contra Maria e Madalena.

- Blasfêmia de mulheres. Línguas de serpente! – berrou. Sua face era a própria máscara da repulsão. As cerradas e longas sobrancelhas crispavam-se nervosamente. – Que outra asneira tem para contar?

Todos silenciaram. Maria se abraçou com a filha e caminhou de costas até a parede. Tiago se colocou ao lado das duas, com uma das mãos sobre um *gladius*, que trazia na cintura. Um minuto depois, o outro Tiago, filho de Maria, e João Zebedeu, que tinham entrado há pouco na sala, tomaram conhecimento do ocorrido e se posicionaram ao lado da mãe de Jesus, como se fossem duas colunas.

Bartolomeu se aproximou e ofereceu um manto, enxugando o seu suor. Agradecida, Maria adoeceu o olhar e esboçou um cálido sorriso, logo copiado por Madalena. Era um sorriso límpido.

- Quem pensa que é, Madalena? – perguntou o pescador. – Apenas porque o Mestre lhe dava beijos na face, pensa que Jesus a amou diferentemente dos outros?

- Modere o tom, Simão – interveio Bartolomeu – Sabemos que ela era confidente do Mestre, que lhe dizia palavras em particular, e você sabe disso. Será que Jesus não poderia amá-la de modo diferente daquele que nos amou?

- Meu irmão Pedro – disse Madalena com brandura. – o que tem na cabeça? Crê que sozinha, na minha imaginação, inventei essa visão? Entrei não uma, porém duas vezes no sepulcro onde deveria estar o corpo de Jesus e não o vi. Fiquei desesperada, recusei-me a crer que o mestre não estivesse ali. Tornei a entrar e vi dois anjos vestidos de branco.

Um frio correu-lhe o corpo. Madalena respirou com força e continuou:

- Então, ouvi aquela voz. Era o Mestre, que me ordenou voltar e revelar a sua ressurreição. E foi o que fiz.

Pedro riu.

- E então, Maria? – disse o pescador com deboche. – O que falta nos dizer? Que Madalena teve um filho?

- Filho? – disse Madalena, adiantando-se, enquanto sacudia as mãos brancas e finas diante da face do nervoso discípulo – Não tive um filho, Simão Pedro. Tenho dois filhos. E eles também são gêmeos.

CAPÍTULO SEIS

Jerusalém, 16 de abril do ano 30 D.C.

O salão estava cheio de guerreiros do Templo, armados e atentos ao prisioneiro. O sacerdote encarregado pelo interrogatório girava compasadamente perto de um homem magro e andrajado, que estava assustado como um rato no meio de gatos famintos. Com olhos de falcão, o saduceu passava a planta das mãos na barba rala, maquinando sobre as formas de retirar do esquelético sujeito as informações que julgava importantes para o que tinha em mente.

- Caifás disse que posso dispor de sua vida – falou, aproximando-se do outro – Compreende a dimensão do que digo?

Tremendo, o homem concordou sacudindo a cabeça.

- Ismael é o seu nome, não é?

Outra sacudida foi a resposta.

- Você confirma que foi curado pela mulher mestiça que todos conhecem como aparentada de José de Arimatéia? Não minta para mim. Não minta para o sacerdote Miquíades. Vamos, o que tem a dizer a respeito?

Ismael levantou devagarinho o rosto até fixar os seus olhos nos do sacerdote. Desembaraçou-se do manto que recobria parte do corpo, e abriu as vestes de baixo, exibindo uma cicatriz. Miquíades coçou o queixo, admirando a cicatriz. Depois, virou a face para onde estava sentado um homem não muito alto, em cujo corpo sobrava gordura. Sua face era redonda e congestionada com uma grande papada, sobre a qual caía uma barba encanecida. Era José Ben Caifás, o sumo sacerdote. À direita e à esquerda dele, sentavam-se outros tantos membros do Sinédrio, quase todos portando amplos mantos multicoloridos. Nos rostos daqueles indivíduos – quase todos com idade ao redor dos 60 anos – havia perplexidade.

Mas Caifás, que tinha os olhos fixos no seu sogro Anás, sentado numa poltrona bem destacada, parecia ter pressa. E, depois de uma ordem sua, os guerreiros do Templo levantaram Ismael e levaram-no para mais perto. Miquíades os acompanhou, ficando ao lado do prisioneiro.

- Foi você quem feriu esse homem? – perguntou Caifás sem olhar para o guerreiro que participara da prisão de Jesus, e que, como todos sabiam, tinha ferido Ismael.

O homem confirmou.

- E você – continuou o sumo sacerdote, voltando-se para Ismael com visível asco. – está certo que foi curado pela mulher que se chama Maria Madalena, enteada de José de Arimatéia?

Ismael sacudiu a cabeça confirmando o que já era notícia corrente em Jerusalém.

- Este homem é um sacrílego – afirmou um ancião, erguendo-se.

Em seguida vários judeus, acompanhando as palavras do outro, com gestos espantados, recordaram aos demais os delitos que Jesus havia cometido:

- Quando isso vai parar? Se a coisa continuar dessa forma, logo veremos mulheres pregando nas ruas e até mesmo no Templo. Que tempos são estes? – perguntou um homem pequeno.

- Não estamos sendo tolerantes demais? – indagou o que estava sentado ao seu lado.

- São iguais às cobras o tal Jesus e essa Madalena, porque só andam aos casais – comunicou o ancião que tinha se levantado. – Devemos esmagar suas cabeças antes que envenenem a nossa sociedade. Suas pregações são com a peste.

- O crucificado era um nazareno – bradou o baixinho. – Desde quando de Nazaré pode sair algo que preste? E a aparentada de Arimatéia? Dizem que é de Magdala, uma terra de comerciantes, de gentios e de mulheres independentes. O que pode vir de bom de lá?

Caifás levantou os braços pedindo calma, enquanto um cínico sorriso se esboçava no seu rosto. Nesse momento, o sacerdote Anás saiu do seu mutismo e fez um sinal para o seu genro, que se inclinou, escutando o que o ex-sumo sacerdote tinha para lhe dizer. Depois os dois fixaram os olhos em Ismael.

- Você confirma que esse ato apostatado foi originário da mulher chamada Maria Madalena? – perguntou-lhe Caifás, com uma voz chiante e desagradável.

Os sacerdotes, guerreiros, testemunhas e o resto dos assistentes, esperaram a resposta que não veio. Em um acesso de ira, Caifás saltou até Ismael, ameaçando-o com um dedo, dizendo:

- Em nome do Deus vivo, bendito seja. – Ordeno que recuse qualquer cura efetuada pela partidária do demônio. Faça isso e sua vida será poupada, homem.

Ismael elevou seus apertados olhos para o pequeno e colérico sumo sacerdote, sem demonstrar o menor sinal de receio. Ficou quieto por alguns instantes. Então, com um sorriso gentil nos lábios, pronunciou a frase que revirou o estômago de Caifás.

- Estou feliz por ter sido curado pela irmã de Jesus.

Os sacerdotes e escribas se puseram de pé como um só homem, e vociferaram em coro:

- Merece a morte.

Caifás, num impulso, rasgou a parte da frente das próprias vestes, e desferiu-lhe uma violenta bofetada na face esquerda.

- *Morrerá ainda hoje, miserável.*

Um murmúrio de aprovação foi ouvido.

- E pode ter certeza – prosseguiu Caifás, retornando ao seu lugar. – Maria de Magdala logo o acompanhará.

CAPÍTULO SETE

Margens do Mar da Galiléia, 8 e 9 de maio do ano 30 D.C.

Foi dado a José de Arimatéia o pleno conhecimento do resultado da reunião ocorrida na casa de Caifás. O sinedrista enviou mensageiros até Nazaré ordenando a Maria que abandonasse a cidade com os seus filhos, partindo imediatamente para Cafarnaum, atravessando o lago de Tiberíades, utilizando um barco de sua propriedade.

Na verdade, por temer a reação de Caifás, Arimatéia desejava seguir com Maria, com Madalena e os filhos desta, para as Gálias, aproveitando do seu prestígio junto a Tibério, para que a mãe e a irmã de Jesus pudessem viver em segredo, longe dos tentáculos ameaçadores do sumo sacerdote. Na manhã seguinte, as duas mulheres, acompanhadas de muitos outros, inclusive Tiago, filho de Maria de Nazaré, Filipe, Tomé e João Zebedeu, alcançaram, seguros, as margens do Mar da Galiléia, depois de passarem pela estrada de Naim sem debater-se com patrulha alguma.

- Vejam – disse Zebedeu, apontando para um barco atracado num pequeno cais entulhado com caixas e cestos –, é o barco de José de Arimatéia. Já está pronto para seguirmos até Cafarnaum.

- Deus seja louvado – observou Tiago, enxugando o suor da face. – Vamos embarcar imediatamente.

Um após o outro, os membros do grupo foram se ajeitando na embarcação, recebendo as orientações do barqueiro para permanecerem abaixados até saírem do cais. Porém, as duas mulheres, haviam ficado para trás, porque Maria de Nazaré tinha resolvido colher alguns lírios numa moita próxima.

- Madalena, traga logo Maria para cá, não vê que estamos apressados? – disse Tiago, com autoridade, enquanto ajudava a soltar as amarras.

Em vez da resposta das mulheres, ouviu-se um grito, seguido de muitos outros, vindos do flanco de uma colina paralela. Era uma tropa dos guerreiros do sinédrio que corria ligeira em direção ao cais.

- *Corram todos.* – gritou Tomé, desesperado.

O restante das amarras foram soltas, e o barco foi empurrado para o início da correnteza com as varas dos auxiliares do barqueiro, ganhando alguns metros do cais.

- *Minha mãe.* – berrou Tiago, dando pela ausência desta e de Madalena. – Parem, levem o barco de volta à margem, parem.

Maria e a sua filha correram aceleradamente para o cais, alcançando a margem. Mas, os homens de Caifás estavam muito perto. Então, as duas se agacharam ao lado de uns juncos e arbustos. O barco já distava uns quinze metros, quando a gêmea se ergueu e pegou a mãe por uma das mãos.

- Confia em Deus, mãe? – perguntou, prosseguindo sem esperar a resposta – Como sei que confia Nele, dê-me as mãos e faça o que eu fizer, certo?

Madalena virou o corpo e colocou o pé direito sobre a água enturvada do Mar da Galiléia. Depois colocou o outro. Olhou para a Maria que fez a mesma coisa. Juntas, deram um, dois, três passos. Maria, que mantinha os olhos fixos nos da filha, por um único momento os desviou e olhou para baixo. Estremeceu por um momento ao perceber que tanto os seus quanto os pés da filha, pisavam nas águas do lago sem afundar. Maria balançou o corpo, mas não titubeou. Tornou a fixar o olhar no de Madalena, e prosseguiu.

As mulheres caminhavam tranquilas até a embarcação. Os poucos segundos que a cena perdurou pareceram uma eternidade. O vento soprou mais devagar e a correnteza ficou mais leve. Maravilhados, os componentes do barco não encontraram palavras para receber Madalena, que foi a primeira a subir no barco, e a sua mãe, que veio em seguida.

- Milagre – foi a primeira palavra que alguém falou.

- Divina – foi a segunda, dita por outro.

- Cuidado – foi a terceira palavra, dita por Filipe, ao perceber um arqueiro, postado sobre um destacado pedregulho, arremessar uma flecha contra o barco.

Não houve tempo para nada. A haste de madeira cruzou o ar e se fincou nas costas de Maria, atravessando o seu ombro. Com o impacto, sem um grito, mas com a expressão contraída pela dor, ela girou e caiu sobre o tablado, banhando-se com o próprio sangue.

Um silêncio nervoso assomou. O medo se espalhou quando surgiu um filete de sangue no canto da boca de Maria de Nazaré. Seus olhos abriram e fecharam duas vezes seguidas, e ela estremeceu, quando sentiu as mãos grossas do filho Tiago.

* * * * *

O barco ganhou fôlego com o empenho conjunto dos ajudantes do barqueiro, ficando distante das flechas e lanças dos homens de Caifás. Tiago não parava de chorar, segurando e apertando desconsolado o corpo da mãe. João Zebedeu sacudia a cabeça, como se ainda não tivesse digerido a cena. As mulheres se lamentavam esmurrando as mãos contra os próprios corpos.

Alguém, então, se aproximou e fez aquilo que já deveria ter sido feito por todos: pediu para esticarem o corpo de Maria de Nazaré, enquanto rasgava uma parte de suas vestes, apenas o suficiente para fazer uma incisão, que permitiu a retirada da flecha. Maria tremeu e tossiu sangue. Madalena ajoelhou-se ao lado da mãe e chorou em silêncio.

A outra margem do lago se aproximava silenciosa. A distância entre os portos foi coberta sem contratempos e, pouco tempo depois, o barco atracava em um dos cais do flanco leste de Cafarnaum, onde o barqueiro e alguns de seus homens saltaram para terra. Os demais continuaram no barco.

Nenhuma daquelas pessoas pretendia arredar pé. Como autômatos, formaram um círculo ao redor de Maria e ficaram a observá-la. A partir daí, o espesso silêncio no interior da embarcação converteu-se em tormento. Madalena olhava para o lago e meneava a cabeça. Um discreto sinal feito para Tiago foi suficiente, e ele compreendeu que alguma coisa sucedia. Ela se levantou com um olhar silencioso que misturava admiração e tensão. Todos olharam para a popa e perceberam que alguém se movia avançando lentamente na direção deles. De repente, uma névoa apareceu, turvando provisoriamente o Mar da Galiléia. Era Jesus. João Zebedeu foi o último a se ajoelhar. A uma ordem do Ressuscitado, todos se ergueram assim que ele entrou no barco. Então, segurando uma das mãos de Madalena, e erguendo com ela a face para o céu, Jesus falou, cheio de segurança, poder e majestade:

- Outra vez estou com minha irmã, escolhida para ser a missionária da Boa Nova que eu trouxe. E agora, meu Pai, dá-nos o seu poder para curarmos aquela que foi a responsável pela introdução do divino entre os humanos.

Jesus aproximou-se do corpo de sua mãe e colocou as mãos sobre a ferida. Fez um sinal para Madalena e ela agiu da mesma maneira, pondo as suas mãos sobre as de Jesus. Os olhos dos dois se encheram de lágrimas e, num ato único, retiraram as mãos do corpo de Maria, recolhendo com o dedo indicador um pouco do líquido que escorria de suas vistas, depositando-o no ferimento da mulher.

Do furo provocado pela flecha saiu uma espécie de fumaça, como se o corte estivesse sendo cauterizado por instrumentos invisíveis. Maria gemeu e se contorceu, mas isso lhe fez bem, porque logo seus filhos retiraram as mãos do seu corpo, revelando para todos que a ferida não mais existia. Maria abriu os olhos e viu seus filhos. Jesus sorriu e falou:

- No futuro, você virá ao mundo e dirá para todos que teve dois filhos do Pai do céu.

Depois, dirigiu-se a Madalena e abraçou-a durante quase um minuto. Não houve palavras naquele efusivo contato. Repetiu o gesto em todos os presentes. E, retrocedendo até o centro do círculo formado pelas pessoas, desapareceu fulminantemente.

CAPÍTULO OITO

Éfeso, 12 de abril do ano 48 D.C.

Assim que José de Arimatéia entrou na pequena gruta, sentiu estar repetindo a mesma cena dezoito anos depois. Um sepulcro, um corpo que desapareceu sem deixar vestígios e um tecido de linho. Como da outra vez, suspirou e pegou o pano. Diferente da outra vez, entretanto, esse tecido não cobriu o corpo de um homem, mas sim o de uma mulher. Uma figura feminina que marcou a sua vida. Tratava-se de Maria Madalena, que falecera num acidente e que, do mesmo modo como ocorrera com o irmão, deixou o aviso que ressuscitaria ao terceiro dia, para depois seguir para a Glória do seu Pai.

Como da outra vez, José de Arimatéia, tinha decidido guardar, como um troféu, esse outro linho. O velho sinedrista apertou o tecido e fechou os olhos. Lembrou das andanças de Madalena e de sua mãe. Das pregações que ambas fizeram nas casas, nas vilas e em todos os lugares onde lhes foi possível falar sobre a Boa Nova.

Lembrou das continuadas perseguições dos homens de Caifás, todas sem sucesso, como, também, da concorrência promovida por Pedro e seus seguidores, que teimavam em não lhe aceitar como Filha de Deus, a gêmea de Cristo. À sua mente retornaram as cenas das viagens com Madalena e seus filhos, até chegarem a Éfeso, aonde ela viria a falecer. José de Arimatéia apertou o linho e fechou os olhos, orando. Ele foi despertado três minutos depois por um homem de pele morena, com pouco mais de vinte anos.

- Meu tio. – disse o jovem. – Procurei-o por toda parte. A carruagem está pronta. Finalmente consegui convencer minha irmã que devemos partir.

- Ela ressucitou. – falou José, sem abrir os olhos.

- Eu a vi, meu tio – disse o rapaz, emocionado. – Ela quer que partamos daqui. Temos um compromisso e o senhor sabe.

O velho sinedrista abriu devagar os olhos e sorriu, ainda com o tecido nas mãos. Ele não desejava colaborar de modo algum para qualquer atraso na viagem que empreenderia com os filhos de Madalena para as Gálias romanas. Com os olhos marejados, José percorreu com respeito o lugar, deu um giro suave no corpo, e rumou para a saída.

CAPÍTULO NOVE

Alexandria, Egito, julho do ano 148 D.C.

Filipe, Tomé, João Zebedeu e muitos outros, registraram em seus escritos os atos da vida de Jesus, de Maria, sua mãe, e de Maria Madalena. Contaram as suas pregações. Falaram do seu Mestre. Relataram os milagres do Nazareno e os de sua irmã gêmea. Deixaram para o mundo um legado precioso composto de livros repletos com os grandes momentos vividos ao lado de Jesus e de Madalena.

Nos seus dias, existia muita competição entre os grupos cristãos. Tanta disputa tinha, ainda, outros ingredientes que dificultavam uma unidade: a animosidade dos demais judeus não convencidos da divindade de Jesus e de Madalena, e a perseguição dos romanos.

Dessa forma, no ano de 148 D.C., alguns dos que acreditavam na divindade da gêmea de Cristo, por temerem perder os evangelhos de Filipe, Tomé e João Zebedeu, colocaram vários desses livros em grandes potes de cerâmica resistente, e os enterraram num local, que séculos mais tarde o mundo conheceria como Nag Hammadi.

PARTE 3

Atrás dos muros do Vaticano, há um segredo que toca toda a Igreja

Cardeal Giovanni Benneli

CAPÍTULO DEZ

Fátima, Portugal, 13 de maio de 1917 D.C.

Fátima se situa bem no coração de Portugal, numa região montanhosa, agreste e pedregosa. O solo é pobre, sendo mais próprio para a criação de cabras e ovelhas. Naquele dia, três crianças brincavam com os animais que pastoreavam, quando foram surpreendidas com o súbito surgimento de uma nuvem sobre uma árvore.

De dentro dela, entre raios luminosos, apareceu a figura de uma mulher branca, vestida com uma túnica alva como o leite, que tinha os dedos das mãos juntos, transmitindo com o olhar uma paz contagiante. Espargia luz mais clara e intensa que um copo de cristal cheio de água cristalina, atravessado pelos raios do Sol mais ardente. As crianças se ajoelharam.

- Filhos meus – falou a mulher, que era Maria de Nazaré – sacrifiquem-se pelos pecadores.

As crianças se benzeram.

- De onde vem? – perguntou uma delas.

Maria respondeu:

- Sou do Céu, e quero que guardem três segredos. Que a presente guerra logo terá fim. Que, por prezar a verdade e a simplicidade, um papa será assassinado, e que o meu filho trouxe a luz para o mundo, colocando sobre a sua irmã, também minha filha, Maria Madalena, a sua Igreja.

- Assim faremos. – disseram as crianças.

- Voltarei aqui outras vezes para lhes contar mais sobre essas revelações, e desejo muito reencontrá-los em paz.

Maria olhou para o céu, que estava com uma cor cinza perolado, iluminando a vasta paisagem árida com uma luz estranha. Fez um gesto e o sol, que tinha um fino véu transparente, girou formando um círculo no meio das nuvens. Flutuando na direção dos raios de luz, Maria afastou-se repetindo que voltaria. As crianças choraram e rezaram, agradecendo a Deus pelo milagre que tinham presenciado.

Anos mais tarde, uma daquelas crianças, de nome Lúcia, já ordenada irmã, revelaria para um bispo de sorriso cândido, a verdade que lhe tinha sido confiada.

CAPÍTULO ONZE

Madri, Espanha, 19 de novembro de 1927 D.C.

Dom José Imeridá já havia dado uma dúzia de voltas ao redor da mesa, esperando que a jovem começasse a escrever.

“Nem uma linha”, pensou.

- Afinal, você vai ou não escrever, irmã Lúcia?

- Não posso fazer isso, senhor.

- Como não? O Santo Padre Pio XI convocou os cardeais e já foi tomada a decisão. Você tem que escrever sobre o que ocorreu em Fátima.

Lúcia olhou para ele.

- E isso? – perguntou, apontando para um texto que lhe havia sido entregue pelo religioso.

- Isso é a interpretação que o clero deu às suas visões – disse taxativo.

Ela ficou surpresa.

- Não foi isso que a Virgem me disse. O principal mistério foi deturpado.

O bispo lhe dirigiu um olhar gelado.

“O que ela quer, afinal?” – pensou.

Lúcia tinha dez anos, quando afirmou ter visto a Virgem Maria. Sua família havia reagido mal, chegando a castigá-la para que ficasse calada sobre as visões. Mas a história espalhou-se e nasceu um culto em volta dela. Após um momento inicial de desconfiança, a Igreja decidiu assumir o controle do culto de Fátima. Então, Lúcia entrou em reclusão num asilo, porque na época a lei do seu país não permitia a existência de conventos religiosos para menores. Tinha então quatorze anos. A Lúcia semi-independente das aparições durou quatro anos, entre 1917 a 1921. Mal atingiu a maioridade foi levada para um convento na Espanha. Fez votos rigorosos de clausura, neles ficando até o dia da sua morte. Passou um décimo da sua vida consciente em liberdade. Uma criança que passou a viver debaixo das ordens de autoridades religiosas porque teve visões. Isso aconteceu com uma pessoa do século XX, mas parecia coisa do século VIII.

Respirou profundamente, conformando-se. Estava cansada. Ela deveria fazer como desejava o Vaticano, dando outra versão àquilo que sabia.

- Estou pronta – falou, resignada, para alívio de Dom Imeridá.

CAPÍTULO DOZE

Lisboa, Portugal, 06 de janeiro de 1945 D.C.

Seus olhos não estavam errados. Sim, era ele mesmo.

- Padre Luciani – disse a religiosa, aproximando-se.

O padre Albino Luciani voltou-se devagar e viu dois pequenos olhos amendoados e inseguros.

- Irmã Lúcia, que faz aqui fora? – perguntou com delicadeza.

- Preciso lhe falar. – murmurou a mulher.

Ele a olhou com atenção, percebendo que algo muito importante lhe preenchia a mente. Então, dispensou os dois padres que estavam ao seu lado, e a tomou por um braço, levando-a para caminhar nos jardins.

- O que houve? – perguntou.

- Sei que está em inspeção, a serviço do Santo Padre.

- Eu e o pontífice estamos a serviço da Igreja – respondeu-lhe Albino.

Lúcia nem piscou. Foi direta.

- O senhor será ordenado bispo daqui há alguns anos e será papa, padre.

Ele sorriu sem cessar a caminhada.

- Só se for pela vontade de Deus, irmã Lúcia.

A religiosa parou, segurando-lhe as mãos.

- Será papa, sim. E morrerá por causa do terceiro segredo da Virgem.

Albino ficou atordoadado.

- A verdade precisará ser revelada, padre Luciani. Ainda nos veremos outra vez, daqui há muitos anos, e verá que estou certa.

Dizendo isso, a mulher cochichou mais algumas palavras nos ouvidos do padre, e o deixou sozinho, desaparecendo por trás de uma coluna. Albino Luciani ficou parado, olhando para os jardins. Sua expressão era indefinível. Ele fitou algumas mudas de alfazema, sentando-se num banco de madeira.

“Deus tenha misericórdia de todos nós”, pensou.

Depois, respirou com força e retomou a caminhada.

CAPÍTULO TREZE

Cidade do Cairo, 15 de janeiro de 1946 D.C.

Debaixo do espesso bigode do médico Josef Menguele surgiu um riso de puro contentamento, contagiando o homem que com ele dividia aquele quarto.

- E ela disse assim mesmo para o inglês, Rudolf? – perguntou Menguele ao outro, querendo ouvir, por extremo deleite, aquilo que já escutara mais de uma vez naquela tarde.

- Claro – respondeu Rudolf. – Aos ingleses, aos americanos, assim como aos traidores da nossa Alemanha. A mãe de Muhamad Ali al-Salmman disse que ele e seus irmãos estavam escavando em Jabal al-Tarif, lá em Nag Hammadi, quando encontrou alguns potes de cerâmica, que escondiam alguns papiros e outros objetos. Falou que ela mesma usou vários dos documentos para atizar o seu fogão de palha – riu – Não me contive e dei uma gargalhada, *herr doctor*.

Sentado ao lado de um pequeno criado-mudo, Menguele agitou as mãos, pedindo que Rudolf Gaiger continuasse.

- Muhammad sumiu por uns tempos. Espalhou-se o boato de que matou o assassino do seu pai. Sabemos que se escondeu com parte do achado nas terras de um amigo sacerdote. Isso não nos preocupa, porque a parte mais interessante dos manuscritos está conosco, e todos ficarão com a impressão de ter sido a maior descoberta arqueológica do século. O mundo irá pensar que os escritos avaliados pelo professor Quispel são a parte mais importante dos documentos encontrados. Mal sabem que temos em nosso poder algo que nos fará enormemente ricos e poderosos.

O médico fez um gesto com o indicador e se levantou. Caminhou suavemente até a soleira da porta, encostando o rosto na madeira. Depois, sussurrou para Gaiger:

- Somos os senhores do maior segredo de todos os tempos.

Com os olhos pregados no nazista, o jovem Gaiger serviu-se de um gole de cerveja.

- E quanto ao Pipen? – falou segurando a caneca – Conseguiu o salvo-conduto para a Espanha? Será que conseguirá uma amostra do sudário de Oviedo?

- Aquele é um idiota – disse Menguele fazendo cara de nojo. – Passei-lhe o contato do nosso homem no Vaticano, e até agora não soube aproveitar. Não sei por quanto tempo conseguirá manter-se escondido. Mas isso é um problema dele. Da minha parte, e isso vale para você também, está tudo acertado para o embarque para a América do Sul. É lá que terei

os meios para desenvolver as pesquisas sobre o vírus e a análise das amostras dos sudários de Turim e de Oviedo.

- Quem vai bancar nossa viagem? – inquiriu tossindo Rudolf.

- Um sujeito de Roma que prefere ser chamado de príncipe.– comunicou em tom azedo. – Ele tem negócios com a realeza européia, que admirou o nosso trabalho.

Rudolf Gaiger sentou-se e esticou ao máximo as pernas. Coçou ambos os olhos, tinha uma expressão de quem precisava recuperar as energias.

- É pra valer a conversa com o padre, *herr* doctor?

Josef Menguele abriu ao máximo o par de olhos castanhos antes de responder ao outro, tranquilizando-o:

- Sim, é. Já estão definidas as condições do acordo. Não divulgamos os manuscritos, a Igreja retira os nossos amigos da Europa, e o príncipe e seus sócios ganham uma boa parte do dinheiro que recebermos do Vaticano.

- Seria bom atribuir um nome a esse acordo.

- Já há um nome: Consenso – respondeu o médico. – É uma homenagem aos nossos acertos antes da guerra. Nós fizemos a limpeza para eles. Judeus, ciganos, protestantes, democracias liberais e comunistas, e eles faziam de conta que não tinham nada com o assunto.

Juntou as duas mãos sobre a boca, eriçou a sobrancelha de um dos olhos, e concluiu:

- Bem, é nossa vez de cobrar-lhes a conta.

CAPÍTULO QUATORZE

Cidade do Vaticano, 02 de dezembro de 1948 D.C.

Em uma sala contígua ao escritório papal, o camerlengo Antonius Platine não tirava os olhos da porta. Sabia que por ela, a qualquer instante, entraria o padre Albino Luciani com a notícia que temia escutar. O camerlengo é o cardeal que preside a Câmara Apostólica. É também conhecido como mordomo papal. Gerencia o Vaticano, mas as suas funções são meramente administrativas, ganhando importância somente no caso da morte de um Papa, que era, até Pio XII, constatada quando o camerlengo batia um martelo na testa do sumo pontífice. Não pode o camerlengo tomar qualquer decisão sem a prévia anuência do pontífice. Porém, ele sabia que teria de tomar uma muito importante naquele dia. Mesmo sabendo que necessitava consultar o papa, marcou uma reunião com vários cardeais.

Espalhados pela sala estavam muitos dos mais destacados membros da Cúria romana. Cada um com opinião formada sobre o grande tema que os tinha reunido naquele dia. Os bispos Diego Trajano e Inácio Bustamonte e um jovem padre de nome Roberto Angelim, eram os que não concordavam com a crescente idéia da Igreja ter de se sujeitar à proposta do médico Josef Menguele. Contavam com as pesquisas de campo feitas por três jovens padres: um da Alemanha, Karl Havenger, um de Angola, Waabe Trimadu e o terceiro da Polônia, Karol Wojtyla, ferrenho adversário dos nazistas. Dimitrius Olivier, bispo francês, liderava o grupo que acreditava na possibilidade de que o acordo com Menguele fosse um mal menor para a Igreja.

- Deveremos nos vender a um porco nazista? – perguntou Roberto Angelim.

- Se não fizermos o pacto, estaremos pondo em risco a nossa sobrevivência – observou Athos Von Klinger, padre austríaco partidário de Dimitrius Olivier. – Se ele divulgar os documentos, todo o mundo cristão sucumbirá.

- Mas a que custo? – indagou o bispo Trajano. – Entregando rios de dinheiro do nosso banco para que seja lavado em empresas de reputação duvidosa, com o fim de encher os bolsos de nazistas? É isso que devemos fazer? E quando é que cessará a chantagem? Estará saciado o nazista com o que vocês querem lhes dar?

- Já não basta termos lhes dado abrigo ao fim da guerra? – disse Inácio Bustamonte, com o semblante pesado.

A porta se abriu e o camerlengo Antonius Platine fez um gesto pedindo silêncio. Dali para frente, todos os olhos e ouvidos estariam conectados nas palavras e gestos do padre Albino Luciani, que acabara de entrar. Seu rosto estava lívido e a sua testa suava.

- São verdadeiros os escritos do Egito – disse ele num rompante.

- Não é possível – retrucou um bispo, pondo uma das mãos ao lado de um quadro de Coregio, pendurado ao seu lado.

- Que Deus nos ajude – disse um cardeal.

- Sim, os primeiros exames confirmam isso – prosseguiu Albino Luciani. – Eles revelam que o Nosso Senhor teve uma irmã gêmea.

- Quais as bases da negociação, Luciani? – o camerlengo interrompeu-o, parecendo desinteressado naquelas divagações. – O senhor sabe se eles nos entregarão os arquivos?

Albino Luciani sentiu uma onda de excitação.

- Uma cópia, cardeal Platine. Foi o que consegui.

O camerlengo suava dentro de sua batina preta.

- Foi o máximo que conseguiu? Tem certeza que eles não nos entregam os originais. E se aumentarmos a oferta?

- Absoluta. Menguele foi muito claro. Disse que não divulgará o conteúdo dos escritos, mas não pretende entregar os manuscritos originais.

O bispo Trajano levantou um dos braços e caminhou até Albino Luciani. Olhou-o com avidez e falou:

- Diga-lhes que os documentos ficarão bem guardados nos arquivos do Vaticano. Em meio aos mais de vinte mil volumes que temos, logo afundarão no esquecimento.

- Ficarão no cofre do papa – corrigiu-o o camerlengo. – É mais seguro.

- Menguele não vai abrir mão de ficar com os arquivos, mas ele nos ofereceu algo em troca – observou Luciani, como se escondesse um segredo.

O camerlengo abanou a cabeça.

- Outra chantagem? – perguntou.

Os sinos de São Pedro começaram a tocar. O padre Luciani verificou a hora em seu relógio, antes de responder.

- Não, cardeal Platine. O nazista disse que está consciente da existência de uma linhagem da gêmea de Cristo – fez uma pausa tensa e olhou para Trajano. – Ele se ofereceu para eliminar essas pessoas. Disse que dentro de poucos anos poderá colocar em prática uma experiência que destruirá os descendentes de Madalena.

- O senhor concordou com isso? – redargüiu Trajano, abrindo os braços – Vamos ser cúmplices de assassinatos?

- Claro que não. Disse apenas que a Igreja desejava os documentos, não as mortes de pessoas inocentes.

- Mas quem são esses tais descendentes da suposta gêmea de Nosso Senhor? – perguntou um bispo balançando as mãos.

O padre Albino Luciani parecia agora ter um porte quase sobrenatural.

- As pessoas que têm o sangue ab, especialmente os judeus.

Não houve mais comentários, apenas um murmúrio que percorreu a sala. O camerlengo jogou-se para trás e sacudiu a cabeça. O problema era bem maior do que imaginava. E ele sabia que a coisa estava apenas começando.

CAPÍTULO QUINZE

Manaus, Brasil, 21 de outubro de 1973 D.C.

- Estão todos preparados, herr doctor – anunciou Rudolf Gaiger.

Menguele agradeceu, depositando o chapéu sobre a escrivaninha. Em seguida, abriu sua valise, retirando de dentro dela alguns rolos de filme, levando-os até perto dos olhos. Mirou-os por uns segundos, e depois olhou para o companheiro.

- Tenho por você mais simpatia do que tive por qualquer outro homem, Rudolf. Aliás, faço uma pequena correção, você é o segundo homem por quem tenho a maior simpatia – disse fazendo com o braço o conhecido gesto dos nazistas.

O médico meneou a cabeça para um dos lados. Seus olhos se encheram de lágrimas.

- Passado é passado. Vamos pensar no que vem. Temos uma boa seleção de homens e mulheres, não é verdade?

- Certamente, doctor. Gente de todos os continentes, de várias raças, inclusive judeus. Pessoas com opções religiosas e sexuais diferentes, mas com aquilo que sabemos ser o único elo que os une e que é o nosso objetivo: o tipo sanguíneo.

- AB – disse Menguele.

O médico pousou os rolos de filme, cravando os olhos no homem.

- A partir de hoje a caça à linhagem da gêmea tem seu início, caro Rudolf. Pretendo viver o suficiente para ver o mal se espalhar pelos quatro cantos do planeta. A coisa atingirá a todos, indistintamente. Brancos, negros e amarelos. Ricos e pobres. Homossexuais ou não. Homens e mulheres, até mesmo crianças. Mas, bem dissimuladamente, principalmente sobre os que têm o sangue. O sangue que carregam é o que os condenará à morte.

Rudolf gostava e admirava o velho médico, seu guia e mestre, porque sempre o tratava como um irmão. Devia-lhe posição e fortuna.

- E os nossos sócios, Rudolf? Já chegaram?

- O nosso religioso veio diretamente de Roma e já tomou assento na sala reservada. Disse que sua experiência é desumana, porém necessária para preservar os interesses da Igreja. O príncipe-chefe está aí fora, tem assuntos financeiros a tratar com o senhor.

Menguele riu por baixo do esbranquiçado bigode.

- Gostei do título que o Consenso deu a ele: príncipe-chefe. Ele não pertence à realeza, mas recebe esse título, gozado – observou com ironia. – E o cardeal?

- Ele está fazendo carreira, creio que em breve ele desejará ser papa, doctor.

- Ah, ah, ah...*habemus papam*...caro Rudolf...*habemus papam*...

Depois o médico levantou o dedo para, ainda entre sorrisos, declarar:

- Não se iluda com o nosso cardeal, Rudolf – falou em italiano, carregando no sotaque. – Tenho informações seguras que o seu nome é cogitado para o importante cargo de Secretário Geral do Vaticano quando da sucessão de Paulo VI, que sei estar muito doente. Uma vez lá, tenha certeza de que tudo fará para defender a corrente clériga que mantém a fixa idéia de que os métodos contraceptivos e de prevenção do sexo devem ser evitados em nome de Deus.

Rudolf o ouvia com atenção, sequer permitia-se bater as pálpebras.

- Quer um homem melhor do que esse? – gracejou o velho nazista. – Para ele nada de sexo seguro. Excelente para o plano: quanto mais gente se relacionando sem as precauções necessárias, muito mais contaminação.

- Mas o que se diz é que esse dogma é para evitar a promiscuidade...

Menguele fez um gesto engraçado sacudindo a cabeça, enquanto concluía:

- E desde quando o gênero humano gostou da castidade?

CAPÍTULO DEZESSEIS

Boston, Estados Unidos, 24 de setembro de 1978 D.C.

Isac Pipen escancarou a porta da sala de Rudolf Gaiger com um safanão. Seu rosto estava tão branco quanto a neve.

- O que houve? Quer me matar de susto? – disse Rudolf.

Pipen suava. Jogou-se em uma poltrona com os olhos esbugalhados.

- Ele nos traiu, Rudolf. Traiu o Consenso que ajudou a criar. Deve morrer.

Imaginando já saber a identidade do tal traidor, Rudolf se levantou e deu dois passos, parando no meio da sala.

- O nosso cardeal nos traiu após ser eleito papa. Vai reunir a cúria e vários líderes mundiais, para contar o segredo. Ele quer revelar ao mundo que Cristo teve uma irmã gêmea. Os manuscritos correm perigo.

Rudolf cruzou os braços e ficou em silêncio. Menguele deveria ser avisado. Certamente ele iria encontrar uma solução.

CAPÍTULO DEZESSETE

Cidade do Vaticano, 26 de setembro de 1978 D.C.

O cardeal Giovanni Grispin, secretário particular do sumo pontífice, entrando por uma porta lateral, aproximou-se devagar do parapeito onde se encontrava chorando o papa João Paulo I. Ele ficou quieto, observando o líder de milhões de cristãos.

- Santo padre, por que chora? – perguntou, aproximando-se. – Acabei de vê-lo rasgar um maço de papéis. Por Deus, o que está acontecendo?

- *Nomen est omen*, Giovanni – respondeu o papa João Paulo I.

Grispin abriu os braços sem entender.

- Simão mudou seu nome para Pedro – acrescentou o pontífice. – Porque Cristo disse que ele era a pedra sobre a qual seria construída a Igreja.

Albino Luciani, o papa João Paulo I, suspirou, sua face estava lívida.

- Não foi isso que ocorreu, Giovanni. Não foi sobre Pedro que o Mestre quis fincar a Igreja.

- Desculpe, Eminência, não compreendo...

- A minha eleição foi o resultado de um acidente, Benelli é quem deveria ter sido o eleito. Ele saberia o que fazer se soubesse.

- Quê?

- Sente-se, cardeal Giovanni Grispin. Preciso lhe dizer algo.

- Obrigado, Eminência.

Os dois homens se sentaram em poltronas de veludo vermelho, tendo ao fundo um quadro da Madonna e um crucifixo de prata trabalhada, pendurados na parede.

- Nasci e cresci pobre, acostumado às pequenas coisas e ao silêncio. Noite passada eu tive um sonho, Giovanni. Imaginei uma Igreja que atenderia às necessidades de seus fiéis em questões importantes como o controle de natalidade. Sonhei com uma Igreja que dispensaria a riqueza e que fosse voltada para o seu maior dever: a pregação do Evangelho.

João Paulo I olhou para o bico dos próprios sapatos e continuou:

- Depois que a segunda guerra mundial acabou, estive com a irmã Lúcia pela primeira vez. Ela pegou-me pelo braço e me disse: “*Você será papa, cardeal Luciani, e será assassinado*”. Assustei-me com a revelação e lhe pedi explicações.

Grispin ficou surpreso.

- Irmã Lúcia lhe disse que seria papa?

- Disse. Repetiu-me a profecia há alguns meses, muito antes da morte de Paulo VI. Ela me segredou a verdade sobre o que ocorreu em Fátima, Grispin. Naquela época, quando eu soube das escavações em Nag Hammadi, parti para o Egito, e pude confirmar aquilo que soubera por ela. Jurei lutar para evitar uma grande tragédia por amor à Igreja, mas vejo que errei. Tragédia maior foi ter evitado que o mundo soubesse a verdade.

Grispin ergueu um pouco o corpo, apoiando-se nos braços da poltrona.

- Conheço o seu caráter, Eminência. Certamente agiu de acordo com a sua consciência.

João Paulo I deixou escapar um suspiro. Fez uma pausa, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

- Por conta disso, fui o avalista de uma sociedade secreta para proteger a Igreja e, pior, avalizei um nefasto experimento científico.

O secretário cruzou os braços e olhou meticulosamente para o pontífice. Mediu-o por alguns segundos e convenceu-se de que Albino Luciani tinha um grande fardo e que tinha enorme vontade de ver-se livre dele.

- É fácil fazer uma sopa de peixes com um aquário, não acha? – divagou João Paulo I – Basta acender um fogo embaixo, nem precisa colocar tempero, porque já tem uns matinhos ali dentro.

- Seguimos a vontade de Deus – observou Grispin.

- O sonho acabou, Grispin – falou o papa, levantando-se sendo copiado pelo outro. – Vê este envelope? – prosseguiu – Quero que o coloque no Correio amanhã logo cedo. Você é a terceira pessoa a quem entrego carta semelhante a esta.

- Mas, está endereçada a mim. Não entendo, Eminência. Se a carta é para mim, para que postá-la?

- Porque quero que a leia apenas depois de amanhã, fiel amigo.

- Por quê?

- Não pergunte. Eu o conheço há anos. Você é correto e um bom católico. Sei que fará o que estou lhe pedindo.

- Pode contar comigo, Eminência. Sabe que pode confiar.

João Paulo I virou o rosto para o lado suspirando.

- Depois que abrir o envelope, caro Giovanni, verá os detalhes de tudo o que lhe falei, inclusive sobre os documentos do Egito. Aí tem algo que escrevi só para você.

Dizendo isso, o papa recém-eleito, vendo que o cair da noite se aproximava, despediu-se com um beijo no rosto do cardeal. Eram dezoito horas e trinta minutos quando ele apertou as

mãos do secretário dirigindo-se ao seu quarto. Da porta, voltou-se e olhou para Giovanni Grispin, balbuciando somente três palavras:

- Revele a verdade.

Foi a última vez que o cardeal Grispin o viu com vida. Em 28 de setembro, ele foi martirizado por suas convicções secretas.

CAPÍTULO DEZOITO

Vaticano, 29 de setembro de 1978 D.C.

As trevas haviam caído sobre a Igreja Católica naquele 29 de setembro. Ao menos foi esse o pensamento do cardeal Giovanni Grispin, quando soube pela irmã Vincenza que João Paulo I havia falecido. Grispin estava terrificado. Não poderiam matar um papa a tiros no meio da Praça São Pedro, pelo menos até aquele dia. A maneira mais eficiente de matar um pontífice era com veneno. Um do tipo que não deixasse vestígios denunciadores.

Grispin poderia ter assumido o cargo de camerlengo, mas isso foi alterado de última hora pelos cardeais Trajano e Bustamonte. Quem acabou assumindo o posto foi o cardeal Giancarlo Albertini, que era seu inimigo e logo o afastou de suas funções.

- Por que o cardeal Grispin não buscou o apoio do cardeal Bennelli? – era a pergunta feita nos corredores do Vaticano.

Grispin havia perdido o respaldo. Vagava pela Basílica de São Pedro sem saber bem o que fazer. Seu coração estava ferido. Seu papa estava morto. O corpo de Albino Luciani foi embalsamado doze horas após ter sido descoberto. A morte de João Paulo I parecia não ter explicações. Ninguém sabia ao certo como ele morreu. Seu pontificado, um dos mais curtos da história, tinha ares de alvissareiro. Mas nada de novo ocorreu, além, é claro, da sua morte inusitada.

O choque pela morte trágica e inesperada, se espalhou pelo mundo. As maciças portas de bronze da Basílica de São Pedro foram fechadas e a bandeira do Vaticano foi hasteada a meio-pau. A notícia do falecimento de Albino Luciani era tão desconcertante, que a incredulidade manifestada pelo seu médico particular foi partilhada por milhões de pessoas. Nos poucos dias de reinado, João Paulo I havia deliciado o mundo.

No sábado, 30 de setembro, uma indagação correu o mundo: por que não se fez a autópsia no corpo do Santo Padre? O cardeal Bennelli exigia uma explicação. Religiosos queriam explicações. O mundo queria respostas. Foi nesse ambiente que o cardeal Albertini presidiu uma reunião da Congregação dos Cardeais. Dos cento e vinte e sete cardeais, apenas vinte e nove estavam presentes. E essa minoria, liderada pelo cardeal Bustamonte, decidiu tudo. Desde a data do funeral ao traslado do corpo e, principalmente, sobre a data para o início da eleição de um novo papa, que deveria ocorrer o mais breve possível.

Quanto a Grispin, pouco restava a fazer. Grispin tinha algo em mente. Sabia que João Paulo I lhe confiara uma missão.

“O envelope”, pensou.

Sentado no banco traseiro do carro que o conduziria ao aeroporto, ele o pegou em sua valise. Era grande, volumoso e pesava, parecia conter um livro ou muitos documentos. Uma força estranha cresceu dentro do cardeal e ele guardou o envelope.

“Ainda não era chegada a hora de abri-lo”, refletiu.

CAPÍTULO DEZENOVE

Florianópolis, Brasil, 10 de outubro de 1979 D.C.

Josef Menguele olhou para os dois homens que o abordaram sabendo que estavam com péssimas intenções. Procurou por seus seguranças à toa. Não havia ninguém nas proximidades naquele trecho da praia. Era ainda cedo, passava das sete horas, e ele sentiu o bafejo da morte se aproximar.

Os dois homens fizeram um gesto, ordenando que ele os seguisse. Sem opções, Menguele os acompanhou até um cais próximo e entrou num barco. Perguntaram-lhe sobre o antídoto e Menguele riu. Deram-lhe um soco e ele caiu. Repetiram a pergunta.

- *Droga, não há antídoto...* – respondeu, com a boca cheia de sangue.

Dessa vez lhe deram um pontapé na barriga. Ele tornou a negar. O nazista sacudiu a cabeça, mirando a praia. Uma infinidade de pensamentos invadiu a sua mente: *“Onde estariam os seus homens? Que raio de equipe de seguranças Rudolf Gaiger e Isac Pipen lhe arranjam? Quem seriam aqueles dois homens? Falavam em italiano, mas tinham porte de alemães. Seriam do Consenso?”*. Pela primeira vez, em sua longa vida, Menguele sentiu medo.

Uma arma foi apontada contra a sua nuca e um dos homens amarrou suas mãos, amordaçando-o. Viraram-no de cabeça para baixo, jogando-o na água pela parte do barco não visível para quem estivesse na praia. Josef Menguele ficou seguro pelos tornozelos, com os cabelos roçando a linha do mar.

- O antídoto – disse um deles.

- Parem com isso – gritou, antevendo o que estava por vir. – Procurem entre os implantados, um deles pode ser o antídoto...parem com isso!

- Está mentindo.

Os homens o abaixaram, afundando metade do seu corpo na água. O carrasco de Auschwitz se debateu. Sabia perfeitamente quantos minutos poderia resistir. Ele mesmo ordenou centenas de vezes esse tipo de situação nos campos nazistas de concentração. Menos de quarenta e oito horas depois, um grupo de pescadores encontrou um corpo sem documentos, com o que restou dos seus intestinos à mostra. O rosto, que tinha sido destroçado pelos siris, ostentava um bigode. Agachando-se ao lado do corpo, um dos pescadores comentou:

- Esse aí viu o demônio.

CAPÍTULO VINTE

Praça de São Pedro, Vaticano, 13 de maio de 1981 D.C.

A rádio do Vaticano abriu o noticiário mais importante da década:

- O turco Ali Agca é o responsável pelo ataque ao Santo Padre ocorrido no dia de hoje. Ele já teria declarado que agiu assim, porque entendia estar fazendo a vontade de Alá.

Na sua sala particular, o cardeal Giancarlo Albertini estava reunido com seus colegas Trajano e Bustamonte. Os três estavam em silêncio, escutando o radialista terminar de divulgar para o mundo a versão oficial sobre o atentado a João Paulo II.

Terminada a transmissão, Albertini se levantou e foi até a janela.

- Amanhã a Igreja em todo o mundo despertará em paz. Mesmo se sobreviver, João Paulo II não terá mais coragem para falar sobre o terrível segredo.

- E a irmã Lúcia? – disse Trajano. – Ela continua sob controle?

- Não é com a irmã que devemos nos preocupar – falou Bustamonte. – Mas, com os nazistas. Estamos sem pagar o décimo estipulado pelo Consenso. Isso deve acabar.

- Acho que sei como – disse Trajano, com o rosto iluminado.

CAPÍTULO VINTE E UM

Fátima, Portugal, 13 de maio de 1982 D.C.

Aquele 13 de maio tinha um componente especial. Completava um ano que o papa João Paulo II havia escapado da morte na Praça de São Pedro. As irmãs carmelitas estavam radiantes, afinal, não é todo dia que o Santo Padre deixava o Vaticano. E o motivo disso era a ilustre companheira de ordem: a irmã Lúcia. João Paulo II queria falar-lhe à sós. Ele deixou isso muito claro aos religiosos que o acompanhavam.

O pontífice sorria para as câmeras e dizia que falar com a irmã Lúcia seria para ele como conversar com alguém que tinha visto a glória de Deus em vida.

- Quando estiver com ela, vai perguntar sobre o terceiro segredo, Santo Padre? – perguntou um repórter local.

- A visita da Virgem Maria, que a pequena Lúcia recebeu em Fátima junto com os seus primos Francisco e Jacinta, em 1917 – disse o papa – foi para ela o começo de uma singular missão à qual se mantém fiel. Irmã Lúcia é um exemplo de grande fidelidade ao Senhor e de gozoza adesão à Sua vontade divina.

Pouco depois, João Paulo II estava reunido com a religiosa. Ela o olhou com admiração, ajoelhando-se. João Paulo II a levantou e colocou-a em uma cadeira.

- Eu lhe avisei por carta, Eminência. – murmurou a mulher, sem levantar os olhos. – Eles iriam tentar matá-lo, como fizeram com o Santo Padre João Paulo I.

- Recebi sua correspondência, irmã – sussurrou o papa. – Quando ainda era padre, eu estive no Egito, fiz pesquisas e estou certo sobre a autenticidade dos manuscritos. Não sei se poderei dizer ao mundo uma só palavra sobre isso.

- Por que não afastou os homens que armaram a sua morte?

- Não posso.

- Permitirá que o turco leve a culpa?

O papa silenciou.

- Santo Padre, o único que pode revelar ao mundo aquilo que deve ser dito é o senhor. Faça a vontade de Deus.

João Paulo II apertou os olhos e chorou. Irmã Lúcia afagou a sua face com um pano e enxugou as lágrimas que escorreram pelo seu rosto.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Cidade do Vaticano, 12 de maio de 1999 D.C.

O cardeal Giovanni Grispin esperou três meses para ser recebido em audiência pelo papa João Paulo II. Chegou a repetir mentalmente todos os assuntos que pretendia levar ao papa. Queria lhe revelar aquilo que lhe fora segredado pelo antecessor de João Paulo II. Não suportava mais manter em segredo as informações. Desde que recebera o envelope das mãos de João Paulo I, quando ainda era seu secretário particular, a sua vida mudou. Dois dias após o falecimento de Albino Luciani ele abriu a carta, lendo avidamente todas as informações e revelações.

Chorou, pensou em rasgar os papéis. Ficou sem dormir por duas noites seguidas. O envelope mudou sua vida. Afastou-se do Vaticano e retornou para sua cidade natal, lá permanecendo por muitos anos, quando decidiu contar tudo ao atual papa.

“Eminência” – disse – “o cardeal Luciani me segredou informações muito importantes, que têm sido um fardo para mim. Preciso dividi-lo com o senhor em confissão. Creio que esses segredos angustiarão-no e o levaram à morte”.

“Cardeal Grispin” – respondeu João Paulo II com as mãos tremidas por causa do mal que já lhe afligia, apontando para uma câmera instalada no escritório papal – “Imagino sobre o que lhe aflige. Mas, não me conte. Eu fui contrário ao acerto. Peço a Deus que lhe ilumine antes de revelar qualquer coisa. Por enquanto, o que posso lhe dizer é que rezo todos os dias pelo papa João Paulo I”.

Giovanni Grispin agradeceu ao papa fazendo reverências, pegou sua valise e se retirou, dirigindo-se para fora do Palácio Episcopal.

“Por Deus, o Santo Padre tem seu escritório monitorado”, pensou, aflito.

Grispin correu pela ala paralela, alcançando o escritório da Guarda Suíça. Dois soldados o ampararam, depois que se chocou com uma armadura medieval.

- Está bem, cardeal?

Agradeceu aos homens e embrenhou-se em uma carreira descontrolada pela Praça de São Pedro. Caminhou pela Via Della Conciliazone. E, deixando para trás o Castelo Santo Angelo, aventurou-se para os lados da Ponte dos Anjos. Não demorou muito e estava sentado às margens do rio Tibre, meditando. O que faria com o envelope? Grispin sabia que mais duas pessoas tinham recebido idêntica correspondência das mãos de Albino Luciani. Mas foi para

ele que João Paulo I escreveu linhas especiais, contando mais detalhes sobre os originais dos manuscritos de Nag Hammadi.

Um mendigo sentou-se ao seu lado, puxando conversa.

- Cansado, padre?

- Oh, não, bom homem – disse, acalmando-se, abandonando seus pensamentos. – Estou apenas refletindo sobre a vida.

- Tenho fome, padre.

- Também tenho, filho. Mas a minha somente o Pai pode saciar. Venha, eu lhe pago um lanche, está bem?

Grispin estava para se erguer, quando dois homens saltaram de um carro cinza e pararam ao seu lado.

- Cardeal Grispin? – perguntou um deles.

- Sim – respondeu o cardeal, levantando a cabeça. Rostos sem expressão, óculos escuros e ternos bem cortados foi o que viu. Porque, em seguida, dois gritos ecoaram em resposta a três tiros que foram disparados de revólveres com silenciador. Ele caiu para um dos lados. Passava das dezoito horas. Os homens olharam em volta. Havia turistas e transeuntes. Velozes, pegaram a valise do cardeal e sumiram rapidamente, sem deixar vestígios.

Giovanni Grispin, com as duas mãos contraídas sobre o próprio peito, viu as suas roupas se inundarem com seu sangue, enquanto alguns populares corriam para lhe acudir. O cardeal lembrou da promessa feita ao papa João Paulo I. Não poderia falhar. Sempre fora fiel ao Santo Padre. O *papa sorriso*, como ficaria conhecido o cardeal Luciani, primeiro na história do pontificado a usar um nome composto, criando um meio-termo entre os dois que lhe antecederam.

Antes de ser ajudado por qualquer um dos populares, Giovanni Grispin ficou de quatro, virando a cabeça devagar. Os anos que passou na academia dos *carabinieri*, antes de se ordenar, tinham lhe dado uma compleição física invejável. Ombros fortes e um peitoral de aço. O cardeal olhou para baixo, e viu o buraco de bala na camisa de linho branco, rodeado por um pequeno círculo de sangue alguns centímetros abaixo do esterno. Um furo, apenas isso. Tateou pelos lados, dando pela falta da sua valise. *Tolos* – pensou, refletindo sobre os seus agressores. – *Pegaram a valise à toa.*

- *Grispin* – disse um homem pequeno, com os cabelos grisalhos e um bigode estilo *Santos Dumont*.

Gemendo, concentrou todas as suas forças e sorriu internamente ao ver o rosto conhecido que aparecia no meio da multidão. Era um velho amigo.

“Mesmo se eu morrer”, pensou, “a verdade será revelada”.

Depois, deixou-se desabar no solo, a tempo de ver, estendido ao seu lado, com os olhos abertos, o mendigo. Estava sangrando e parecia não mais respirar. As outras duas balas tinham-no atingido em cheio.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Gdansk, Polônia, 05 de junho de 1999 D.C.

O papa João Paulo II tinha acabado o seu discurso de chegada à Polônia. Estava se dirigindo para a sede arquiepiscopal, onde teria um encontro reservado com os bispos provincianos e alguns cardeais, quando foi abordado pelo seu secretário de viagens. O homem aproximou-se e falou no seu ouvido, sem deixar que ninguém mais o escutasse. O papa franziu ligeiramente a face e agradeceu.

- Algum problema, Eminência? – inquiriu um cardeal.

- Não, está tudo bem. – respondeu o pontífice, sorrindo superficialmente.

Mas João Paulo II sabia que algo não estava bem. Ele acabara de saber que, no mês passado, logo depois de sair do Vaticano, o cardeal Grispin tinha sido baleado.

“*Meu Deus*”, pensou, olhando para a cruz pendurada na entrada principal. “*Ilumina-me, Pai. Sigo Sua vontade ou salvo a Igreja?*”.

PARTE 4

Portanto, vigiai, pois não sabeis o dia, nem a hora

Evangelho de Mateus, 25:13

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Buenos Aires, 18 de março de 2000 D.C.

Donna Archer fazia a checagem da bagagem, quando seu celular tocou.

- Jornalista Archer?

- Sim, sou eu.

- Aqui é o inspetor Cristiano Duran. Sou do Departamento de Homicídios. Poderia vir à redação do jornal ainda hoje?

- Estou no aeroporto prestes a viajar. O que houve?

- O senhor Rafael Orlandino...

- O que aconteceu com Rafael?

- Hoje cedo, ele despediu-se da família e sumiu. Seu carro foi encontrado queimado em um subúrbio. E ele estava carbonizado dentro do veículo. Preciso que venha até a redação do jornal, porque soube ser pessoa muito próxima ao senhor Orlandino, não é verdade?

Donna estremeceu, abaixando o telefone. Caminhou dois passos para trás, olhando abobalhada para as pessoas que a fitavam.

- Donna Archer...

- Desculpe, inspetor – falou a jornalista, ainda aturdida – Como... como aconteceu?

- Do modo como lhe disse. Como vê, preciso encontrá-la na redação do jornal.

- Por que na redação do Libertad se Rafael desapareceu na porta de sua casa?

- É que o senhor Orlandino tinha um encontro comigo na redação do jornal Libertad, disse que teria um documento importante para entregar à sua principal jornalista.

- Que por acaso seria eu?

- Foi o que ele falou.

- Ele não me disse nada sobre esse encontro.

- O encontro seria comigo, não com você. Disse que você talvez viajasse. Assim, resolveu confiar o documento à Polícia.

Donna hesitou um instante.

- Está bem. Dê-me apenas o tempo necessário para resolver alguns assuntos. Estarei em uma hora na redação.

Desligando o celular, remarcou seu vôo e foi até um cyber coffe, onde enviou um e-mail para o frei José Santo Claro, relatando-lhe o ocorrido. Donna ainda não tinha deglutido o desaparecimento de Rafael Orlandino. Sim, agora mais do que nunca existia uma razão de ser

para tantos assassinatos. Rafael era uma das pessoas que tinha recebido uma das correspondências de João Paulo I. Com a sua morte, restava vivo apenas Francesco Mariani.

“*Jesus*”, suspirou. Será que o senhor Mariani também foi morto?

* * * * *

Na Piazza Barberini, em Roma, Francesco Mariani acabava de fechar a sua loja de antiguidades, quando recebeu um telefonema.

- *Donna Archer?* – disse ele ao ouvir uma voz feminina. – Quem é a senhora? Como conseguiu o meu número?

- Preciso que me escute – falou a argentina, com um italiano carregado. – Consegui seu número com o redator do meu jornal, Rafael Orlandino.

- Sim, conheço. E daí?

- Bem...ele foi assassinado esta manhã, aqui em Buenos Aires.

O homem silenciou e Donna o ouviu engulir em seco.

- Explique-se melhor, senhora.

- Trabalho no jornal há muitos anos e Rafael Orlandino tinha muita confiança em mim. Tanto que resolveu me segregar informações relativas a uma correspondência que recebeu do papa João Paulo I.

- Ele lhe revelou o conteúdo dessas informações?

- Não inteiramente. Revelou muito pouco. Fez-me ver que havia uma correlação entre os assassinatos do papa João Paulo I, de Josef Menguele e do cardeal Giovanni Grispin.

- Assassinatos? Pelo que consta o pontífice não foi assassinado. O carrasco nazista, por sua vez, nunca foi encontrado, apesar de insistirem que seus restos mortais foram achados no Brasil; e o cardeal Grispin, que foi secretário de João Paulo I, pelo que sei, morreu por conta de um assalto.

- Não foi bem isso que Rafael Orlandino me revelou.

- Revelou? Você acabou de dizer que ele não lhe disse muita coisa. Afinal, o que quer de mim a uma hora dessas, moça? Não sei se sabe, mas aqui na Itália já acabei o expediente na minha loja e tenho outras coisas a fazer. Já ouviu falar em fuso horário?

- Gostaria que reforçasse sua segurança, senhor Mariani – disse, preocupada. – Tenho muitas razões para crer que o senhor pode ser a próxima vítima.

Francesco tossiu. Donna percebeu que ele parecia gripado, porque ouviu, via satélite, o italiano soar violentamente as narinas.

- Há quantas pessoas você diz isso diariamente, filha? Acaso é sócia de alguma funerária?

- Escute: irei para as Ilhas Canárias por esses dias, posso perfeitamente ir até a Itália e visitá-lo em Roma, se desejar. Gostaria de conversar sobre esses assassinatos, é possível?

Houve outro momento de tosse, dessa vez seguido por uma imprecação:

- Quem diabos está batendo na porta a essa hora? – disse Francesco. – Cara senhora, pode aguardar um instante, preciso ver quem está batendo.

A jornalista pressentiu algo estranho e decidiu fazer uma súplica ao homem:

- Senhor – falou ofegante –, por favor, não vá até a porta. Ligue para a Polícia e feche todas as entradas do seu imóvel.

- Ora, bolas. A senhora liga para mim, vem com uma conversa enviezada sem pé nem cabeça, e quer que eu não atenda a um possível cliente? As coisas não andam bem aqui na Itália, dinheiro está ficando raro. Preciso ver quem é, afinal, pelo que sei, as portas não mordem – riu. – Vou lhe satisfazer em parte, colocarei o telefone no viva voz, assim poderei lhe pedir socorro, se precisar...embora você esteja na Argentina e eu aqui na Itália.

Donna ouviu Francesco Mariani colocar o aparelho do telefone sobre algum móvel, e depois escutou os seus passos. Um minuto depois, percebeu que o homem trocou algumas palavras com alguém. Em seguida, houve um grito. Após ele, um disparo. A jornalista estremeceu.

- *Meu Deus* – disse Donna, sentindo um súbito gosto de sangue em sua boca. – Senhor, responda. Senhor Mariani...

Os toque-toques dos saltos de sapatos foram a resposta. Donna percebeu que o telefone fora retirado de onde estava.

- *Quem está aí?* – perguntou sabendo que não receberia resposta.

Ainda no viva voz o telefone fez ressoar outra vez, embora muito distante, a voz de Francesco Mariani pedindo socorro. A jornalista ficou alerta. Logo depois veio outro disparo e um último grito de dor.

- *Jornalista Archer?* – disse um homem pelo telefone, num misto de francês com italiano. – Cuide da sua vida, enquanto pode.

Dito isso, desligou o aparelho.

Donna levou uma das mãos à cabeça, esfregando os cabelos. Um crime tinha ocorrido em Roma. Outra pessoa morta. Duas no mesmo dia. Ambas ligadas por um segredo: o envelope recebido do papa João Paulo I.

Tinha que fazer algo. Mas o quê? Lembrou-se do inspetor do Departamento de Homicídios. Ele sim poderia lhe ajudar. Era um profissional. O que ouviu foi o eco de um assassinato. Isso certamente era um assunto de polícia. Crime, em qualquer parte do mundo, era o tema do café, do almoço e do jantar de todo policial.

E, com as mãos trêmulas, bateu na memória do seu celular o registro do número de Cristiano Duran, do Departamento de Homicídios.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A jornalista estava em pânico. Andava de um lado para outro, vendo o próprio reflexo numa vitrine espelhada. Estava sendo um dia esquisito aquele. Claro, todos os dias de uma jornalista tinham potencial para serem estranhos. O pensamento de Donna era um borrão enquanto ouvia o telefone chamar.

Em sua mente soava a ameaça que tinha recebido via satélite. *Cuide de sua vida, enquanto pode*. Num repente, lembrou-se de um revólver comprado dois anos antes e que ficava bem guardado no criado-mudo de seu quarto. Talvez fosse precisar dele...se tivesse tempo.

- Alô – disse uma telefonista. – Sim, é do Departamento. O inspetor Duran? Tudo bem, vou transferir.

Enquanto aguardava, uma certeza ribombou em sua mente: quem quer que tenha lhe falado ao telefone, após atirar em Francesco Mariani, a conhecia, porque a chamou pelo nome e pela sua profissão.

- Alô – disse uma voz masculina.

- Inspetor Duran? É Donna Archer.

- Donna Archer? A jornalista? – respondeu o inspetor – Do que se trata?

Ela estranhou a voz. Por que as perguntas? Claro que ele sabia do que se tratava.

- É o inspetor Cristiano Duran?

- Sim, sou eu mesmo. O que está havendo?

- Tenho um compromisso com o senhor na redação do jornal...

O homem silenciou.

- *Estou falando mesmo com o inspetor Duran?*

- Claro que sim. A senhora disse que tinha um encontro comigo? Mas eu não lembro de ter combinado nada. Por acaso deixou algo agendado?

- *“Agendado? Esse homem está louco?”*. A jornalista balançou a cabeça. Respirou fundo duas vezes.

- O senhor mesmo marcou comigo. Disse que o meu redator tinha que lhe entregar um documento e, como ele foi assassinado, ficamos de nos encontrar na redação do jornal.

Duran pareceu embaraçado. Houve um infinitesimal silêncio, quebrado pela explicação rápida dada pelo inspetor.

- Creio estar havendo um engano. Não liguei para você, não tinha encontro algum com o redator do seu jornal e, pelo que consta, não soube de nenhum assassinato.

Donna Archer cambaleou para a frente, quase deixando o telefone cair. Ela sentiu a pressão nos pulmões, o ar escapando. Seu mundo girava em um redemoinho. Cristiano Duran falava ao fone, sem resposta. Rafael Orlandino poderia estar vivo? Mas onde estaria? E quem teria falado com ela se passando pelo inspetor.

- Jornalista Archer?

Enquanto a dor apertava seu coração, uma nova emoção tomava forma na consciência de Donna. Do outro lado da linha, tapando o fone, o inspetor checava com seu auxiliar, o tenente Alberto Grimaldi, se havia alguma ocorrência envolvendo o redator do jornal Libertad.

- Parece que ele saiu de casa bem cedo e não deixou notícias sobre o seu paradeiro – disse Grimaldi, enquanto verificava a origem da ligação de Donna.

- Inspetor Duran... – falou a jornalista, a voz fraca. – Eu juro que recebi uma ligação feita do seu departamento. A pessoa se identificou como sendo o senhor.

Donna Archer sentia seu corpo entorpecido enquanto tentava explicar-se ao inspetor.

- O senhor mesmo me disse que encontraram o corpo de Rafael carbonizado.

- Entendi – interrompeu-a, olhando para Grimaldi, que acabara de localizar a posição da mulher – E isso é grave. Parece que ele queria vê-la na redação do jornal. Pois bem, vamos até lá – concluiu com objetividade.

- Estou indo agora – falou a mulher.

- Nada disso – cortou-a ríspidamente o inspetor. – Já rastreei sua ligação. Fique onde está. Chegarei aí em vinte minutos.

Em seguida, desligou.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A quilômetros do aeroporto de Buenos Aires, o frei José Santo Claro abriu seu *laptop* e verificou que havia o chamado indicando a chegada de e-mails.

Resolveu, então, voltar à realidade depois de telefonar para o médico particular do português, enquanto Norberto ainda dormia.

Leu as mensagens de Donna e sentiu as pernas ficarem bambas. Norberto gemeu, desviando a sua atenção momentaneamente. Mordeu a ponta do polegar e suspirou, voltando a olhar para a tela à sua frente.

“Assassinatos? O que a jornalista pretende dizer? Por Deus, Norberto precisa acordar para explicar esse grande novelo” – pensou.

Perplexo, olhava para o monitor tentando traduzir os detalhes escritos. Haveria alguma mensagem escondida por trás das que foram enviadas por Donna?

A campainha tocou. Certamente era o médico. José Santo Claro aproximou-se do aparelho e o desligou. Levantou-se e caminhou até a porta. Ouviu-se um estalido vindo do lado de fora. O frei brasileiro nem imaginava o que aconteceria em seguida.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Levantando a cabeça pela primeira vez naquela noite, Rudolf Gaiger, contemplou, pela fresta de uma janela entreaberta, a ponta de um obelisco que tinha certeza já ter visto várias vezes. Estava amarrado e amordaçado, sentado numa cadeira de plástico, com os pés dentro de uma bacia de metal. Olhou para os lados e não viu ninguém. Sentiu cheiro de óleo de máquina. “*Não, aquilo não era óleo industrial. Aquele odor de combustível era cheiro de diesel*”, pensou.

Tornou a olhar pela fresta da janela, cuja banda aberta batia devagar contra a parede, com o sopro continuado do vento. Sim, conhecia aquele lugar. Era a Piazza Navona. A magistral fonte de Bernini com suas águas espumantes. Um ponto turístico romano. Como veio parar na capital italiana? E quem o trouxe para a Itália? Estava em seu escritório, em Munique, usando outra identidade. Pretendia viajar para os Estados Unidos onde tinha marcada audiência com representantes do Vaticano, para negociar sobre os documentos originais do Egito.

O Consenso não mais existia, e ele tinha obtido lucros enormes com as pressões sobre os católicos, talvez fosse justo revelar o esconderijo dos originais. Sabia que isso iria surpreender o mundo. Dinheiro, entretanto, era o melhor caminho. O Vaticano preferiu colocar a Opus Dei na negociação. Outra soma vultosa iria parar em seu bolso e no do seu sócio Pipen. Concretizada a transação, a Santa Sé afundaria em sua biblioteca os manuscritos originais, dando por terminada a história da gêmea de Cristo.

Gaiger soube, inclusive, que o papa João Paulo II já esquadrinhava para 13 de maio daquele ano uma aparição pública, possivelmente em Fátima, para beatificar Jacinta e Francisco, os irmãos de Lúcia, quando, então, revelaria ao mundo o terceiro segredo.

“*Será que os cardeais desistiram de negociar?*” – pensou.

Uma dor na nuca lhe fez estremecer. Agora tudo estava claro. “*Sim*”, lembrou-se. Dois homens o abordaram no estacionamento, e lhe apontaram uma arma, depois a escuridão.

Agora estava ali, sozinho e com medo. Minutos depois, precisamente quando o badalo do sino da Igreja de Santa Inês marcou a meia-noite daquele dia em Roma, ouviu o ruído alto de chaves pesadas tilitando. O atrito do metal contra o metal o assustou. Dobradiças envelhecidas rangeram. Então, fez-se silêncio. Ouviu passos. Alguém avançava por suas costas. O antigo auxiliar de Menguele esperou. Seu corpo tenso, o suor descendo pela fronte. Parecia saber que algo muito ruim iria lhe suceder.

Uma eletricidade percorreu-lhe o corpo e ele gritou. Mas nenhum som saiu. Sua boca estava hermeticamente lacrada. Outro choque. Ele sentiu seus esfíncteres se relaxarem e suas calças molharem com sua própria urina. Mais um e depois outro. A sequência de choques continuou por quase cinco minutos, até que cessou.

Rudolf estava exausto. Se a sessão de tortura continuasse, sabia que muito certamente iria falecer. Nos últimos anos teve dois problemas cardíacos que o levaram a ter uma vida mais regrada. Deixou o cigarro, hábito que adquiriu com o seu mestre Menguele e reduziu o consumo de bebida, atendo-se apenas à sua dose diária de vinho.

De repente, a escuridão. Uma máscara foi colocada em seu rosto, vedando sua visão. Ouviu uma voz, que de longe lhe soou conhecida. Outros passos. Mais duas vozes. Um francês, outro talvez austríaco e um italiano, que usava a língua alemã para falar. Sim, era um italiano. O sotaque era típico. Gaiger era um poliglota. Falava cinco idiomas e conhecia, no mínimo, dez dialetos. Sabia reconhecer um não alemão mesmo que estivesse de porre.

- O tratamento o abalou, *monsieur* Gaiger? – perguntou o que falava em francês, utilizando um italiano arrastado. – Não era assim que vocês faziam nos campos?

Rudolf esperou outros choques, que não vieram.

- Onde estão os originais.

“Os manuscritos. Estão atrás dos manuscritos” – pensou.

Rudolf abaixou a cabeça ao sentir que seus sapatos tinham sido retirados dos pés. O cheiro de diesel aumentou. Sentiu algo como uma gaze ser colocado entre os seus dedos. Estava molhado. O odor aumentando.

- Vai dizer onde estão? Balance a cabeça. Vamos, salve sua vida. Prometo-lhe uma recompensa maior que a da Opus Dei.

“Eles sabem de tudo” – pensou.

O ex-auxiliar de Josef Menguele manteve a cabeça imóvel. Rudolf não precisava de dinheiro. Tinha auferido uma fortuna com a chantagem feita contra a Igreja. E receberia uma grande soma vendendo os originais para a Opus Dei, que se comprometeu a entregá-los ao Vaticano. Mas não era somente isso. Contaria, também, com o silêncio da Santa Sé sobre a experiência de 1973 e, principalmente, sobre o paradeiro de vários de seus colegas nazistas ainda vivos, todos levados para diferentes países sob o manto da Igreja.

Os documentos de Nag Hammadi o haviam tornado um homem rico, um pouco menos do que Menguele, e um pouco mais do que Isac Pipen, mas com uma fortuna suficiente para disseminar pelo mundo o surgimento de pequenos grupos de novos nazistas. Então, um tapa cortou o ar atingindo seu rosto.

- Pode atizar o fogo. – falou aquele que deveria ser o italiano.

“Ele! Se está aqui é porque Luciani não lhe disse nada”, pensou Rudolf, sentindo o ódio encher-lhe as veias.

O francês, obedecendo ao comando, riscou um fósforo e acendeu o chumaço de algodão que fora colocado em seus dedos. Agora Gaiger entendia o cheiro do diesel e a bacia de metal.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O corredor era estreito e estava deserto. O médico caminhava depressa, os olhos negros cheios de expectativa, a enorme barriga sacudindo a cada passo, como um balão socado pelo vento. Enquanto percorria o caminho que o aproximava de seu destino, as palavras do frei José Santo Claro ecoavam em sua mente: *“Norberto está curado. Desconfio que meu sangue tem algo a ver com a sua cura”*.

O médico deu um sorriso presunçoso, remexendo com um dedo o longo bigode. Trabalhara o dia todo, estava cansado, precisava dormir, mas sono era a última coisa em que pensava. Sono era para os fracos. Ele era um especialista como todos os seus ancestrais. Seu pai e o seu avô foram médicos em Tenerife. Ele tivera a honra de poder manter a tradição da família, diferente de seu irmão, que optou em ser jogador de futebol na Catalunha.

“Quem pensa que é, senhor Santo Claro? Um mago?” – disse para o frei brasileiro, quando este, pelo telefone, relatou-lhe o ocorrido acerca da cura sobrenatural. Não titubeou. Largou o consultório e correu até o apartamento de Norberto Negromonte. Tinha que esclarecer esse fato. Como poderia estar curado, se na noite anterior estivera com ele e constataria que o seu quadro era ainda mais grave do que há um mês?

Sentindo crescer dentro de si uma ansiedade gigantesca, o médico andou com mais rapidez pelo comprido corredor. Chegou a uma porta comum e tocou a campainha. Ouviu um estalido seco e olhou para um dos lados. Mas não houve tempo para nada, porque um homem que veio da porta vizinha, o golpeou com a coronha de um revólver, fazendo-o desmaiar. Seu corpo foi velozmente arrastado e sua maleta de trabalho trocada.

No segundo seguinte, outro homem, usando um bigode postiço, assumiu o lugar do médico, posicionando-se na frente da porta do apartamento de Norberto, no exato instante em que José Santo Claro abriu uma fenda retangular, exibindo parte dos olhos.

- Bom dia – disse o impostor – Sou o médico Adolfo Ramirez.

Então, a porta foi aberta.

- Seja bem-vindo – disse o brasileiro. Estendeu-lhe a mão e o acompanhou para a sala de estar impecavelmente mobiliada e com iluminação suave.

O falso médico sorriu.

- Posso ver o senhor Negromonte?

- Venha comigo – falou o frei, estranhando o timbre da voz do médico.

Quando estavam para se dirigir para o quarto, a campainha tocou outra vez.

- É o meu auxiliar – informou o homem, sorrindo.

Santo Claro deu meia-volta e foi até a porta, abrindo-a. Um homem de meia idade se apresentou como ajudante do médico. O rosto de frei José se tornou sombrio.

“Onde foi que vi este homem?” – pensou.

- Podemos ver o paciente – adiantou-se o embusteiro.

- É a porta marrom no final – disse ele. – No fim do corredor.

As passadas do impostor pelo corredor pareciam as de um leopardo. Ao chegar à porta, sorriu intimamente. Acompanhado de Santo Claro, ele atravessou o quarto e correu o dedo por uma das cicatrizes expostas num dos braços de Norberto. Ao seu toque, o frei português despertou e o encarou, mostrando-se perturbado.

- Quem é você?

Santo Claro respirou fundo.

- Não é o seu médico, Norberto?

Com intensidade na voz, Negromonte disse:

- Meu médico? Só se fez cirurgia do estômago.

Santo Claro resmungou abruptamente:

- Quem são vocês, afinal?

O falso médico de pele cor de mogno e olhos penetrantes, voltou-se para o auxiliar e falou:

- As cartas estão na mesa, Mehmet. Creio que está na hora de nos apresentarmos para os religiosos.

- É verdade, Keller.

- Senhores – disse o impostor, retirando uma pistola automática da valise – Sou Ian Keller e este é Itzar Mehmet, meu auxiliar. Vejo que estávamos na pista certa. Depois de tantos anos de procura, encontramos o antídoto. Recomendo que nos acompanhem sem resistência. Temos uma longa viagem a realizar.

Dizendo isso, retirou o bigode e o jogou em cima da cama de Norberto.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Isac Pipen tremia e andava de um lado para o outro no aposento do quarto do motel. Sacudia um fax e soluçava. Bebeu de um só gole o resto do café e jogou a caneca vazia na pia da cozinha americana. Suspirando, pegou a folha de papel e olhou para ela. No mesmo instante foi tomado por uma onda de repulsa.

Havia uma sequência de imagens no fax enviado do escritório de Munique. Eram fotografias de um cadáver humano. O corpo de um antigo companheiro. De um amigo de décadas. Isac Pipen soluçou e fechou os olhos, como se estivesse prestando uma homenagem a Rudolf Gaiger, o morto do fax.

O corpo estava semi-despido. Parte dos cabelos raspados e vários dentes tinham sido arrancados. Pipen sabia que Gaiger tinha alguns dentes de ouro. E foram arrancados como se fazia nos campos de concentração. Exatamente como eles faziam em Sorbitor e Auschwitz.

Uma das cenas exibia os pés de Gaiger. A pele parecia ter sido cozida. Os dedos estavam queimados e sem as unhas. Uma outra cena o chocou e quebrou o resto de serenidade que tinha. Escreveram à faca no peito de Gaiger uma palavra que os marcava desde os anos 40 e que era a senha para ingresso nas reuniões do Consenso.

gêmea

Deixou-se cair em uma cadeira, totalmente desorientado. O mundo desabava sobre sua cabeça e parecia não poder fazer nada. Um turbilhão do passado enevoou a sua mente. Isac Pipen era dois anos mais novo do que Rudolf Gaiger quando foram escalados para trabalhar com o médico Josef Mengele. Por serem os mais jovens da equipe de aprendizes do nazista, firmaram entre si uma crescente amizade.

Veio a queda do Reich. Anos de dedicação às experiências genéticas de Mengele teriam outro aproveitamento, porque o médico facilitou-lhes a fuga, incumbindo Pipen de obter uma amostra do sudário de Oviedo, na Espanha. Mengele ficou radiante quando realizou os testes com as amostras dos sudários de Turim e de Oviedo.

- *Ambos os sudários contêm o sangue ab* – dizia Mengele, rejubilando-se. – *No de Turim, o sangue é masculino e o de Oviedo tem sangue de mulher, sangue de dois irmãos, sangue de gêmeos.*

Eram os sudários de Jesus Cristo e de Maria Madalena, que foram preservados por José de Arimatéia.

“Os sudários são autênticos” – dizia Menguele.

Foi isso que motivou e impeliu Menguele a dar continuidade às suas pesquisas. Pipen e Rudolf se arriscaram com o médico no Egito atrás dos documentos descobertos em Nag Hammadi. Subornaram pessoas, mataram outras, tudo por causa de um sonho antigo, que para o nazista era a sua razão de viver.

A mente brilhante de Josef Menguele germinou uma idéia perfeita, que acabaria fazendo de todos eles milionários. Aliou-se a um religioso seu conhecido, e com algumas outras pessoas ligadas ao empresariado alemão e aos antigos príncipes prussianos. Fizeram um pacto e deram-lhe o nome de Consenso. De início, a idéia foi simples e o objetivo era a Igreja Católica. Uma chantagem. Ou a Igreja cedia uma soma fabulosa, permitindo, também, fuga para dezenas de companheiros do derrotado regime nazista, ou, então, o maior segredo do cristianismo seria revelado.

Josef Menguele queria muito mais, desejava vingança. Realizaria a obra maior do ideário hitlerista. Com o dinheiro obtido com a chantagem, aprofundaria suas pesquisas sobre um vírus africano, descobrindo que os portadores do sangue ab e, principalmente, os judeus, eram extremamente sensíveis a ele.

Dessa maneira, como desconfiava que os escritos do Egito eram verdadeiros, Menguele acreditava que Madalena tinha deixado descendentes e que estes se espalharam e difundiram o sangue ab, que hoje corresponde a pouco mais de quatro por cento da população mundial.

Pipen ainda se recordava das reuniões onde Menguele apresentou aos sócios do Consenso a sua solução final. Para a Igreja, seria o fim da descendência de Maria Madalena, soterrando de uma vez qualquer vestígio da gêmea. Para os príncipes e empresários, a possibilidade de auferir enormes ganhos tanto com a indústria farmacêutica, como com a limpeza étnica que o vírus produziria. Africanos, asiáticos e sul-americanos seriam dizimados. Junto com eles os Homossexuais, os viciados e, principalmente para o propósito de Menguele, os judeus.

Houve alguma relutância por parte do clero, mas a coisa vingou e deu certo. A experiência foi feita no Brasil, em 1973, e seus resultados se espalharam pelo mundo rapidamente. Veio a eleição de Albino Luciani para o papado. E eis que ele resolveu trair o Consenso. Por isso foi morto. O próprio Menguele cuidou do assunto. Contando com o apoio de alguns bispos, conseguiu envenenar João Paulo I, horas antes do anúncio que ele faria ao mundo, quando revelaria a verdade sobre Madalena e Jesus Cristo, o que resultaria em enormes prejuízos para todos os envolvidos no Consenso.

Pipen ainda não compreendia, mesmo após tantos anos, por que o Consenso se desfez. Acreditava que o assassinato de Menguele por agentes do Serviço Secreto de Israel, em 1979, teria amedrontado seus membros. A verdade é que cada um estava com os bolsos cheios. Mas, ele e Gaiger ficaram com o bem mais precioso do Consenso: o segredo sobre onde estavam os manuscritos do Egito, aquilo que o mundo pensava ter sido torrado nas chamas de um fogão.

Isac Pipen sabia que alguns membros do Consenso ainda estavam vivos. A morte de Menguele não fora motivada em razão do seu envolvimento no assassinato de João Paulo I. Pipen tinha informantes no Serviço Secreto de Israel e sabia que os judeus estavam atrás do antídoto. Mas agora sua atenção estava voltada para os antigos parceiros, ainda vivos.

Na sua opinião, a morte de Gaiger levava a assinatura de algum antigo membro do Consenso, alguém que queria os originais. Não poderia se tratar da Igreja, porque ele e Gaiger estavam para receber uma fortuna com a entrega definitiva dos documentos sobre a gêmea.

“Não foi obra de gente da Igreja. Eles sabem que se eu e Gaiger morrermos, os originais jamais serão entregues. Ninguém saberá onde estão” – pensou.

Olhou para o telefone e lembrou a ligação que recebera pouco antes do fax chegar.

- *Senhor* – disse-lhe a atendente do escritório de Rudolf Gaiger, em Munique – , *estou terrificada. Recebemos essas fotos hoje cedo. Relutei em acreditar. Mas não podia deixar de enviá-las para que tomasse conhecimento.*

Pipen olhou outra vez para as imagens do fax. Levantou um olhar ausente para as janelas. À medida que uma estranha mistura de medo e vontade de sobreviver ia tomando conta dele, Pipen percebeu que não tinha escolha, enquanto fermentava a idéia sobre quem estaria por trás do assassinato de Gaiger.

- O príncipe-chefe e seus homens estão atrás dos manuscritos – falou para as paredes – Se mandaram as fotos para Munique, é porque não sabem onde estou. Devem estar agora rastreando a ligação do fax. Preciso fugir imediatamente.

CAPÍTULO TRINTA

O avião trepidou quando avançou pelo oceano atlântico. Fazia horas que Donna estava sentada entre o inspetor Duran e o seu auxiliar. Por duas vezes já havia retirado da sua coxa, a mão do tenente Alberto Grimaldi, que dormia, mas para ela, e seu instinto feminino a fustigava nesse sentido, ele queria se aproveitar da situação.

Eles haviam passado no aeroporto de Buenos Aires, levando-a até a redação do Libertad. Uma vez lá, procuraram no escritório de Rafael Orlandino por algo que pudesse indicar onde ele estaria. Donna ficou sabendo que o carro queimado era realmente o do redator, mas que o corpo não era o dele. Aquilo a tranqüilizou. Dentro do seu coração, uma pequena luz de esperança se acendia a cada minuto, indicando que Rafael poderia estar vivo.

Ela não suportava a idéia de que ele poderia ter morrido. Rafael foi o seu mestre no jornalismo. Conheceu-o na faculdade, foi sua aluna. Recebeu dele as primeiras matérias. Com ele fez os primeiros roteiros. Rafael era mais do que um chefe, era um amigo com o qual partilhava suas decepções e alegrias.

Ficou sabendo, ainda, que o inspetor e o tenente, também, eram muito mais do que simples policiais do Departamento de Homicídios, o que poderia facilitar-lhes o acesso às informações importantes, inclusive em outros países. Duran não acreditava poder encontrar qualquer coisa de útil na redação. Já estava entendido com a procura, quando um mensageiro bateu à porta do escritório de Rafael Orlandino.

- É uma carta para Donna Archer – disse o rapaz.

Donna abriu o envelope num sopro e deu risada, sacudindo os cabelos cacheados.

- Que houve? – perguntou o inspetor.

- Acredite – disse com a face refrescada, seus olhos tinham recuperado o brilho – , Rafael está vivo e quer que vá ao seu encontro na Itália.

O tenente sorriu.

- Você parece não estar surpreso – observou Cristiano Duran, fazendo um gesto estranho.

Então, Alberto Grimaldi resolveu abrir o seu jogo:

- Desculpe, inspetor, usei o seu nome quando falei com a jornalista. Precisava achar um meio de falar-lhe sobre o senhor Orlandino. Como não deu certo, mudei a tática e dei um trocado ao garoto que entregou a mensagem.

- Você se passou por mim? Por quê?

O outro relutou.

- Sou membro maçom iniciante. – disse de uma vez. – O senhor Orlandino é o chefe da minha loja. É meu guia e mentor. Ele está vivo e nos espera.

- Gente, estou surpresa – comunicou Donna, batendo as mãos.

Dessa vez quem sorriu foi Duran:

- Bem, como estamos pondo as cartas à mostra, preciso dizer-lhes que, além de inspetor do departamento, sou membro honorário da Interpol e, também, trabalho para o senhor Orlandino.

Essas recordações fizeram Donna dar um pulo no assento. Quase se esquecera de que não estava sozinha. Virou-se para ambos os lados, fitando cada um dos homens no fundo dos olhos.

- Qual é o problema de vocês? Existe mais algum segredo? Alguém aqui, por acaso, é membro da Ku Klux Klan? – riu. – E você, tenente, que conversa é essa? Desde quando Rafael precisa de um terceiro para me dizer que iria viajar para outro país?

- Não iria fazer uma viagem, Donna Archer – disse Grimaldi. – O que o senhor Orlandino fez foi fugir. Conversamos bastante antes dele tomar a decisão. Ele acreditava que deveria fazer parecer que algo muito grave lhe teria ocorrido. Consegui o cadáver de um indigente e incendiamos o corpo junto com o carro do seu redator, depois lhe telefonei. Na verdade, eu iria deixar o inspetor de fora e usei o seu nome apenas porque achei que daria uma maior credibilidade.

- Eu quase tive um infarto – cortou-o Donna.

- Em nome do senhor Orlandino, peço-lhe desculpas.

- E eu que pensei que havia um complô internacional destinado a eliminar todas as pessoas que receberam o envelope das mãos de João Paulo I. O cardeal Grispin foi morto em 1999. Meu redator teria sido supostamente assassinado na porta de casa e, por último, testemunhei a morte do senhor Francesco Mariani.

- Morte?

- Claro, tenente. Eu ouvi os tiros e os gritos.

Alberto Grimaldi trocou olhares com o inspetor e falou:

- Nem sempre o que reluz é ouro, Donna Archer.

Donna examinou os seus rostos.

“Havia algo mais que estão escondendo?”.

- A propósito, - continuou Grimaldi. – o senhor Orlandino pediu-me para que você me fornecesse o número da sua conta bancária. Como pode ver, ele não deve aparecer. Necessita de uma pessoa de confiança para poder movimentar alguns valores, caso precise. É possível?

Ela nem titubeou. Anotou os dados num pedaço de papel e entregou a Grimaldi. *Sim, claro* – falou, baixo – *Rafael pode contar comigo sempre.*

Mas, sem saber precisar bem o motivo, o seu instinto feminino lhe dizia que ainda seria surpreendida por aqueles dois.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Na sala de reuniões do escritório central da Opus Dei nos Estados Unidos, os cardeais Diego Trajano e Roberto Angelim trocavam nervosos olhares, enquanto fitavam o relógio pendurado na parede.

- Será que ele não vem?

- E por que não viria? O trato já foi definido. Os duzentos milhões de dólares americanos estarão nas Ilhas Caiman ainda hoje.

Em uma cadeira de rodas, postada ao lado de um armário com entalhes barrocos, o cardeal Inácio Bustamonte ergueu uma das mãos e falou bem baixinho:

- Sempre fui contrário ao acordo com os nazistas. Não se trata de gente, trata-se de uma raça sem sensibilidade ou respeito a qualquer norma. Eles certamente não nos entregarão esses documentos.

- Deveremos nos contentar com aquela maldita cópia que Luciani entregou ao camerlengo Platine em 1948? – questionou Trajano, indignado.

O tilintar do telefone interrompeu a discussão. Era Isac Pipen.

- Gaiger não poderá comparecer ao encontro. Estarei com vocês em dois dias e revelarei onde estão os manuscritos.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

O francês apertou uma tecla e o sinalizador GPS deu início ao sistema de localização de chamadas. Não demorou mais do que um minuto para surgir no painel de controle a origem da chamada feita por Isac Pipen.

- Ótimo – disse, esfregando as mãos. – Agora ele é nosso.

Dois homens observavam o seu trabalho e se mostravam satisfeitos com o resultado.

- Não há como errar, Gros Jean? – disse um deles.

- *Mon Dieu* – falou o francês – Trabalho com esse tipo de equipamento desde que ingressei no exército, *monsieur* Mariani.

- Droga, Gros Jean. Não fale o meu nome. Você sabe como deve me chamar, já esqueceu?

Fazendo uma sequência de gestos, o francês se desculpou.

- *Excusez-moi, monsieur...* não acontecerá outra vez, *príncipe-chefe*.

O Outro homem colocou uma das mãos no ombro de Francesco Mariani e gracejou.

- Relaxe, você anda muito tenso. Não vê que estamos próximos do nosso objetivo.

- Fui um tolo há cinquenta anos. Era jovem e deixei Menguele ficar com os manuscritos. Só tinha em mente o dinheiro. Esse foi o meu pecado...

Suspirou profundamente.

- Quando o meu primo foi assassinado pelo porco nazista, não suportei e decidi rasgar o Consenso ao meio. Tudo estava acabado. Jurei vingar a morte de Albino. Meu primo era um homem bom e vivia me pedindo conselhos sobre o que fazer com o segredo da gêmea de Cristo...

Francesco Mariani abaixou os olhos, coçando nervosamente a testa com uma das mãos.

- *Meu Deus...* ele achou que poderia dizer ao mundo o que sabia. No envelope que me entregou, clamava que o ajudasse a revelar a verdade. Estava arrependido e, na condição de papa, sabia que poderia dar a informação sem permitir que a Igreja ficasse em ruínas...e eles o traíram...todos os que eram contra o acordo com o Consenso... todos eles o traíram.

- Você não consegue esquecer isso, Francesco? Albino morreu, tem seu lugar na história – falou o outro.

- Esquecer como, Athos? Passar uma borracha? Essas coisas não são assim. Você sempre foi favorável ao acordo com Menguele. Você era um dos defensores de Dimitrius Olivier, esqueceu? Vocês convenceram o camerlengo a levar a proposta ao papa. Foram vocês que enriqueceram a mim, ao nazista e a todos os que faziam parte do Consenso. Foi por causa do Consenso que meu primo foi martirizado.

Athos Von Klinger, cardeal austríaco o olhou apiedando-se daquela figura encurvada, que assomava diante dos seus olhos. Sim, quando Albino Luciani entrou na sala do camerlengo, em 1948, trazendo a notícia que todos temiam, ele foi um dos poucos que procurou saber se realmente os documentos eram fiéis.

E eram mesmo. Klinger, então, montou uma equipe de pesquisa e foi secretamente ao Cairo, onde constatou que os manuscritos eram verdadeiros. Além disso, havia gasto uma boa fortuna subornando os homens da equipe do professor Quispel, conseguindo deles outras informações que o próprio Luciani desconhecia. As atitudes de Klinger foram descobertas pelos seus adversários, que o puseram contra o clero e o afastaram de suas funções, colocando-o em um cargo meramente simbólico na Diocese de Viena.

Criaram uma mentira. Puseram uma jovem perante o clero para afirmar que ele tivera relações sexuais com ela. O que não era verdade, como depois ficou provado. Acabaram com sua reputação, destruíram o seu nome. Seu sangue fervia clamando por vingança. Athos Von Klinger sabia muito bem quem eram os seus inimigos. E agora, junto com Francesco Mariani, daria, por vias transversas, notoriedade à condição de Maria Madalena como Filha de Deus.

“Mas – pensava – seria mesmo necessário?”.

Francesco queria tornar públicos os manuscritos para vingar a memória do seu primo. Não precisava mais de dinheiro. Tinha muito mais do que um dia imaginou ter. Athos queria muito mais. Ele poderia por abaixo todo o sistema que o condenou. Acreditava que Diego Trajano, Inácio Bustamonte e Roberto Angelim, que antes eram contrários a qualquer acordo com os nazistas, e que agora estavam para concluir a compra dos documentos com os que restaram deles, usando a Opus Dei, deveriam sentir o gosto da derrota.

“Sim, estarei vingado” – pensou.

- *Sensationnel*, príncipe-chefe – disse Gros Jean, com ar triunfante, quebrando o silêncio – localizei Pipen.

- *Perfeito* – alegrou-se Mariani – Temos que ser rápidos. Coloque os homens na pista dele. Quero que sua sombra seja vigiada. Esse canalha vai ser meu, custe o que custar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

José Santo Claro não se lembrava como eles haviam chegado ao helicóptero, mas o certo é que ele e Norberto foram levados por Keller e Mehmet tão rapidamente para o heliporto perto do cais central de Tenerife, que nem sabia ao certo os motivos de estarem ali. O olhar preocupado de Santo Claro atravessava a janela do aparelho e se fixava na linha do mar que se aproximava freneticamente.

“Vão pousar no meio do oceano?” – pensou.

O piloto fez uma curva e planou o helicóptero, pousando suavemente em um grande navio fundeado ao largo das Ilhas Canárias.

- Viu como foi rápido? – disse Ian Keller, sorridente – Agora faremos a travessia até o continente, onde voaremos até o nosso destino, na Itália.

- Seria demais pedir para que se identificassem ou, pelo menos, explicassem o motivo desse seqüestro? – rebateu Negromonte, com cara de poucos amigos.

- Seqüestro? Alguém aqui falou em seqüestro, Mehmet?

- Creio que não, Keller.

- Não se trata de um ato abusivo, senhor Negromonte. Nada disso. Nossa intenção é preservá-los daquilo que ainda não conhecem.

- Pelo que vejo é mistério em cima de mistério – redarguiu Santo Claro, descendo do helicóptero e caminhando pelo convés. Raios de sol resplandecentes ofuscaram a sua visão, quando deu os primeiros passos para fora do aparelho. Keller olhou para Mehmet. Santo Claro acompanhou o olhar dele.

- Na verdade, senhores, logo tomarão conhecimento de tudo. Peço-lhes apenas que colaborem. Nossa meta é, inicialmente, levá-los até nossa base em Roma, quando serão feitos os testes definitivos a respeito do assunto que nos impeliu a mantê-los sob vigilância por vários anos. Os olhos de Santo Claro se arregalaram.

- Vocês estão nos vigiando há anos?

- Bem...talvez tenha me expressado errado. Não especificamente eu e Mehmet, mas diferentes integrantes da força a que pertencemos.

Norberto, um pouco mais relaxado, estava rindo ao lado do amigo. Santo Claro nem reparou. Respirou fundo, buscando alinhar os seus pensamentos e depois falou:

- E em que época começou esse controle?

Keller abriu a porta de uma sala, fazendo um gesto educado para os dois, antes de responder:

- Desde que os senhores participaram da experiência com Josef Menguele, na cidade de Manaus, no Brasil, em 1973.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Era na Mercedes que seguia entre duas Toyotas, que estava Isac Pipen. Ansioso, ele virava e revirava as páginas de uma revista de amenidades, tentando se acalmar. Mas não tinha jeito. O suor que escorria pelo canto de sua testa, seguido da sensação de calafrio que cortava sua espinha, eram os indicadores de que alguma coisa muito ruim estava para acontecer.

Pipen sempre foi muito supersticioso. Desde jovem detestava passar por baixo de escada e, quando via um gato preto, corria léguas para evitar que o bicho cruzasse o seu caminho. Quebrar espelho, então, era para ele como assinar a própria sentença de morte. Naquele dia, logo cedo, Pipen já havia quebrado o espelho de um armário acidentalmente. E pior: quando estava para entrar no carro, deu de cara com um gato preto.

“Prenúncios de um dia azarado”, pensou.

Pelo menos não até aquele momento, porque sua caravana seguia tranqüilamente pela rodovia nacional, deslocando-se para o seu aeroporto particular, nas proximidades de Nápoles.

Seu esconderijo e o seu modo de viver, sempre foram objetos de muita reserva. Jamais dormia mais que duas noites seguidas no mesmo local. Trocava de carro ao menos uma vez a cada semana e a sua equipe de seguranças o acompanhava desde a década passada, sem nenhuma alteração na sua composição. E com um importante detalhe: sempre que saía, ele e os seus homens usavam óculos escuros e ternos da mesma cor.

Quando precisava falar com seu sócio Gaiger, utilizava meios previamente combinados, deixando claro que jamais um poderia repetir, no próximo contato, o modo utilizado na vez anterior. Todas essas precauções foram tomadas logo após que cada um decidiu seguir o seu caminho e, especialmente, depois do falecimento de Menguele, quando a luz vermelha do aviso se acendeu. De lá para cá, por várias vezes, Pipen havia escapado de emboscadas preparadas pelos homens do serviço secreto de Israel.

Isac Pipen estava com certa idade e sabia que seus anos de vida não se estenderiam por muito tempo, quanto mais pudesse aproveitá-los, melhor seria para os seus planos. Acreditava que Rudolf Gaiger poderia estar vivo se não tivesse cometido alguma falha na própria segurança, o que o levou a ser capturado. Apesar de medroso, Pipen sempre foi mais cauteloso do que o amigo. Menguele às vezes confundia o seu jeito de atuar, chamando-o de

preguiçoso, mas o seu comedimento era apenas uma estratégia. Ainda se lembrava como fizera para obter a amostra do sudário, em Oviedo. Graças a sua prudência, disfarçara-se de frade para ter sucesso. O problema foi que uma espanhola acreditou tanto que ele era um religioso, que lhe rogou alguns minutos para poder confessar os muitos pecados que ela julgava ter.

Pipen jogou a revista pro lado, e tomou o resto da bebida, pondo o copo numa cesta.

- Estamos chegando, senhor Pipen – informou o motorista.

Os três carros se posicionaram no amplo pátio que levava ao hangar. Fizeram um semi-círculo e os seguranças saltaram antes de seu chefe.

O avião já havia sido retirado do hangar e seus motores já tinham iniciado o silvo característico que antecede as decolagens. Hart Fleriman, um homem de cabelos grisalhos muito parecidos com os de Isac Pipen, e que era o chefe da segurança, abriu a porta da Mercedes e cumprimentou seu patrão com um cândido sorriso:

- Está tudo em perfeito estado, senhor Pipen. A nave está pronta para partir para os Estados Unidos. De quantos homens precisa?

Pipen estava para responder quando olhou para o alto. Um helicóptero se aproximava em grande velocidade, fazendo piruetas. Seus homens ficaram de prontidão. Pipen sentiu um súbito aperto no peito. Isso não era um bom sinal. Ele sempre sentia essa dor quando as coisas não estavam bem. Então, saindo da lateral direita do hangar, dirigindo-se com rapidez para onde estavam estacionados os veículos, surgiram dois carros, cujos ocupantes já estavam com as mãos para fora. Nelas, armas de grosso calibre anunciavam que os pressentimentos de Pipen estavam corretos.

O dia prometia algo de muito ruim, realmente.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

O inspetor foi o primeiro a descer do carro, logo seguido pelo tenente Grimaldi, que não parava de olhar para os lados, como se alguma coisa estivesse para acontecer. Donna foi a última a descer. Olhou para os dois homens e os acompanhou. O carro foi deixado debaixo de uma árvore. O lugar era sujo e fedia. As casas e edifícios tinham um aspecto gasto e não inspiravam confiança. Um homem e uma mulher com aparência duvidosa trocaram olhares com Donna e sorriram debochadamente.

Os três passaram por uma escada e pararam diante de uma porta de mogno antigo. Grimaldi deu três toques e esperou.

- Quem está aí? – perguntou a jornalista, sem receber resposta.

Os homens estavam imóveis e assim permaneceram. Donna achava isso irritante. Desde que entraram naquele veículo alugado, após aterrisarem em Roma, ela amaldiçoava a hora em que decidira acompanhar a dupla. Quem poderia estar naquele imóvel com aspecto tão degradante? Decerto os policiais estavam ali atrás de algum informante, alguma pessoa que poderia lhes auxiliar nas tarefas que estavam para realizar. Com um chiado seco, a porta se abriu e um homem surgiu, já com um sorriso acabado.

- Creio que fizeram boa viagem – ele disse, trazendo no rosto um bigode.

- Sem dúvida, senhor Orlandino – respondeu Grimaldi.

Donna colocou uma das mãos na boca e perdeu a fala. Era Rafael. Ele estava ali, vivo e sorridente.

- Surpresa, querida? – falou o redator – então, entre. Preciso lhe apresentar um amigo.

Ele abriu bem a porta e os convidou para entrar. O ambiente era discreto, porém bem cuidado. Havia tapetes espalhados pelo local e peças de porcelana completavam a decoração, pousadas sobre móveis rústicos.

Donna foi a última a passar pela soleira da porta e, depois de dar três passos, parou ao ver um homem sentado ao lado de uma pequena lareira.

- Permita-me apresentar o cardeal Grispin, Donna – comunicou Rafael, esticando um dos braços.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Quando a primeira bala riscou o ar, tirando tinta da capota do seu carro, Isac Pipen percebeu que um estranho chiado ecoava em seus ouvidos, avisando-lhe que algo muito grave estaria para acontecer. Os dois veículos que surgiram de surpresa no pátio deram um rodopio e se posicionaram de lado. Seus ocupantes, homens e mulheres encapuzados, munidos com armas pesadas, não pareciam dispostos a economizar balas.

Uma verdadeira chuva de chumbo crivou os três carros de Pipen. De cara, ele perdeu dois homens, alvejados várias vezes. Fleriman agiu rápido. Com um violento empurrão, jogou o seu chefe dentro da Mercedes.

O pior ainda estava para vir. O helicóptero também entrou no ataque, disparando dezenas de balas através de duas metralhadoras postadas nas suas laterais.

- *Estamos sob fogo cruzado, senhor Pipen. Precisa ir para o avião* – gritou Fleriman.

- Hart – disse um dos seguranças, apontando para o helicóptero – Eles não são da mesma equipe. O pessoal dos carros está disparando contra eles.

Hart Fleriman não respondeu. Virou o pescoço a tempo de ver uma bazuca ser retirada do interior de um dos carros e ser colocada sobre os ombros de um dos opoentes. Segundos depois, jorrou um tiro que atingiu a parte traseira do helicóptero, que deu três rodopiadas no ar antes de se chocar com o jato de Pipen.

Houve um primeiro estouro e logo depois outro de grande intensidade. Todos se jogaram no chão. Com a força da espetacular explosão, um dos carros dos agressores do nazista foi jogado a vários metros de distância, espatifando os corpos dos seus ocupantes. Fleriman foi atingido por um pedaço do avião e cambaleou até o interior da Mercedes. Até o último instante de sua vida defenderia o seu patrão. Os agressores continuaram o tiroteio, até que o último dos seguranças de Pipen caiu morto. Cessada a atividade, aquele que parecia ser o chefe, foi até a Mercedes e escancarou uma de suas portas.

- Pegamos o homem, príncipe-chefe – disse pelo celular, com ar vitorioso. – Abatemos um helicóptero, que suspeito pertencer aos agentes de Israel, que, como sabemos, andavam atrás do nazista.

Depois, desligou. E, com cuidado, enfiou a cabeça no interior do carro, vendo, pela outra porta que se achava aberta, Isac Pipen correr até uma das Toyotas, pular no seu interior e